



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO OSMAR DE AQUINO
CURSO DE HISTÓRIA**

LOYZE NAYAMA PEREIRA GOMES

**UMA LEITURA DA RELAÇÃO POLÍTICA DAS PERSONAGENS
MAQUIAVEL E CÉSAR BÓRGIA NO SERIADO TELEVISIVO “THE
BORGAS” (2011-2013)**

**GUARABIRA
2016**

LOYZE NAYAMA PEREIRA GOMES



**UMA LEITURA DA RELAÇÃO POLÍTICA DAS PERSONAGENS
MAQUIAVEL E CÉSAR BÓRGIA NO SERIADO TELEVISIVO “THE
BORGHIAS” (2011-2013)**

**Monografia submetida ao Curso de
Licenciatura plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba –
Campus III, em cumprimento às
exigências necessárias para
obtenção do grau de Licenciada em
História, sob a orientação do Prof.
Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima.**

**GUARABIRA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633I Gomes, Loyze Nayama Pereira
Uma leitura da relação política das personagens Maquiavel e César Bórgia no seriado televisivo "The Borgias" 2011-2013
[manuscrito] / Loyze Nayama Pereira Gomes. - 2016.
80 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento
de História".

1. Maquiavel. 2. César Bórgia. 3. Política. I. Título.
21. ed. CDD 320.1

LOYZE NAYAMA PEREIRA GOMES


UMA LEITURA DA RELAÇÃO POLÍTICA DAS PERSONAGENS MAQUIAVEL E
CESÁR BÓRGIA NO SERIADO TELEVISIVO "THE BORGHIAS" (2011-2013)

Monografia submetida ao Curso de
Licenciatura Plena em História
da Universidade Estadual da Paraíba – Campus
III, em cumprimento às exigências necessárias
para obtenção do grau de Licenciada em
História, sob orientação do Prof. Dr. Carlos
Adriano Ferreira de Lima.

Aprovada em: 28/04/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
CAMPUS III - CH


Prof. Ma. Eveline Alvarez dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
CAMPUS III - CH


Prof. Ma. Aline Praxedes de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
CAMPUS I - CEDUC

*Dedico à mulher mais doce do mundo, minha mãe **Lucivânia Andreino.***

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor doutor **Carlos Adriano Ferreira de Lima**, pelas leituras sugeridas desde o primeiro momento de orientação, por sua dedicação e paciência, o que é admirável. E principalmente por ser uma pessoa inspiradora, e que levarei no coração para todo sempre.

À minha mãe querida **Lucivânia Gomes Andrelino**, que há todo momento tem se preocupado comigo, e sempre com as palavras mais doces do mundo encheu meu coração de esperanças e de amor.

Ao meu pai **José Nildo Pereira**, que me ajudou durante todo o curso. À minha querida avó **Adauta**, mulher que amo infinitamente. Agradeço também aos meus tios **Francisco, Vânia, e Socorro**, que durante os quatro anos de curso me visitaram, me ligaram, e ajudaram de todas as formas possíveis para que eu continuasse bem em Guarabira.

Ao meu noivo **Lucas**, que está em todos os momentos comigo, enchendo meus dias de alegria e companheirismo, agradeço pela sua presença e amor.

Aos meus amigos **Hiago, Kakashi, Neno, Ionara, Jordana, Marcella, Joseilton, Whélley, Matheus, Riley, e Bruno**, que da maneira de cada um contribuem para que meus dias sejam melhores, cheios de felicidade. Que me acolhem, me abraçam, que são responsáveis pelos momentos ricos em reciprocidade, o que me enche de vontade de viver.

E por fim, agradeço a **História**, por me ajudar a entender as construções durante o tempo, o processo de tudo que vivemos hoje. Como também me ensinou a desconstruí-las, abriu minha mente, me fez pensar de maneira diferenciada e crítica. Senti através da História, milhares de culturas, e dessa maneira, viajei através das leituras e discussões o que conseqüentemente trouxe uma maior compreensão da condição humana, e de respeito por cada indivíduo histórico.

Uma personagem destas, que dissimula com arte os seus desígnios, mas não receia espezinhar quem quer que se lhe oponha, não podia ter deixado de se converter numa lenda e ser celebrado por Maquiavel como um mestre do realismo político, tornando-se com seu exemplo num inspirador de gerações futuras.

(Ivan Cloulas,2009,p. 15)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar a representação da relação política entre as personagens Maquiavel e César Bórgia na série televisiva “The Borgias” exibida de 2011 a 2013 pelo canal Showtime, produzida por Neil Jordan. Em nossa análise buscamos mostrar a preocupação com a verossimilhança quando a questão é a representação política. A trama que é baseada no livro homônimo ao título da série “Os Bórgias” (2002) de Mario Puzo, e cujo enredo da família Bórgia no contexto do Renascimento italiano entre os séculos XV-XVI, onde as grandes famílias, cidades-estados e alianças ou desavenças com outras regiões se enfrentavam, abrindo espaço para as discussões sobre a corrupção, e como a vida na península Itálica funcionava. Como aporte teórico recorreremos aos autores consagrados na temática do renascimento italiano, como Jacob Burckhardt (2009), Paul Larivaille (1988), e Maquiavel (2010). Também nomes como Ivan Cloulas (2009), e Volker Reinhardt (2013), pesquisadores árdusos sobre a vida da família Bórgia, em especial a trajetória de César Bórgia, e do seu pai, o papa Alexandre VI. Buscamos analisar a representação das relações políticas entre Maquiavel e a família Bórgia, em especial, na figura de César Bórgia.
Palavras- chave: Maquiavel, César Bórgia, Política, Série.

ABSTRACT

This work aims to analyze the representation of the political relationship between Machiavelli and Cesare Borgia characters in the television series "The Borgias" appears 2011-2013 by Show Time, and produced by Neil Jordan. In our analysis we seek to show concern for verisimilitude when it comes to political representation. The plot is based on the book " The Borgias " (2002) by Mario Puzo, and whose plot to address the historical period of the Italian Renaissance between the XV-XVI centuries, where large families, city-states and alliances or disagreements with other regions are facing, making room for discussions about corruption, and how life in the Italian peninsula worked. As the theoretical recourse to the authors established the theme of the Italian Renaissance, as Jacob Burckhardt (2009), Paul Larivaille (1988), and Machiavelli (2010). Also names as Ivan Cloulas (2009), and Volker Reinhardt (2013), arduous research on the life of the Borgia family, especially the trajectory of Cesare Borgia, and his father, Pope Alexander VI. We analyze the representation of political relations between Machiavelli and Borgia family, especially in Cesare Borgia figure.
Key words: Machiavelli, Cesare Borgia, Politics, Series.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|-----------------|----|
| Figura 1 | 53 |
| Figura 2 | 54 |
| Figura 3 | 55 |
| Figura 4 | 56 |
| Figura 5 | 57 |
| Figura 6 | 58 |
| Figura 7 | 60 |
| Figura 8 | 61 |
| Figura 9 | 62 |
| Figura 10 | 63 |
| Figura 11 | 64 |
| Figura 12 | 65 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2.ITÁLIA RENASCENTISTA..... | 14 |
| 2.1Contexto político da Itália..... | 19 |
| 3.APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS:..... | 23 |
| 3.1Maquiavel..... | 23 |
| 3.2Os Bórgias..... | 28 |
| 4.SOBRE OS PRINCIPADOS | 40 |
| 4.1Sobre o comportamento dos príncipes..... | 46 |
| 5.ANÁLISE DA SÉRIE..... | 50 |
| 6.CONCLUSÃO..... | 66 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 68 |
| 7.1 Série..... | 71 |
| 7.2 Sites..... | 71 |
| ANEXO 1: FICHA TÉCNICA..... | 73 |
| ANEXO 2 | 75 |
| ANEXO 3 | 76 |
| ANEXO 4 | 77 |
| ANEXO 5 | 78 |
| ANEXO 6 | 79 |
| ANEXO 7 | 80 |

1. INTRODUÇÃO

Uma das práticas historiográficas mais recorrentes na contemporaneidade é a História Cultural. No início, por ser tratar de uma espécie de nova forma de fazer história poderia ser confundida como sinônimo da Escola dos Annales, em especial, na sua designação mais recorrente. Segundo Peter Burke, a expressão “nova história” é mais conhecida na França, por ser uma coleção do historiador Jacques Le Goff (1970), com discussões acerca de teorias sobre novas abordagens da História, novos problemas, e novos objetos. A nova história é mais especificamente a necessidade de ir além dos documentos históricos, é a ideia de que realidade social e culturalmente formada é a base filosófica da nova história. “Tudo tem uma História”, ou seja, o relativismo histórico se faz presente, a história não pode ser uma narrativa dos acontecimentos, e sim uma análise de toda a sustentação.

[...] a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos (BURKE,1992,p.12).

A nova história cultural, em oposição a realizada no século XIX, vem exatamente para repensar essa visão tradicional, a História não podia ser baseada apenas em documentos ditos oficiais, e muitas vezes escritos pelo governo, que contariam as suas “verdades”. E como discute a maioria dos historiadores atuais, o relativismo cultural, a própria escrita da História, que são objetos ampliados e pensados de forma polissêmica dentre elas na apresentação de pontos de vista diferentes. Por isso, é importante saber que não existe “a verdade” na história, e sim versões de verdade ou dependendo da vertente verossimilhança. E é no sentido da história cultural que conduziremos esta pesquisa, para escolher novas fontes de pesquisa, que não apenas as consagradas e ditas oficiais.

Optamos por apresentar a bibliografia com a qual dialogamos na construção de nosso texto. Para tanto, apresentamos aquela que pertence ao cânone da teoria política escrito por Nicolau Maquiavel “*O príncipe*” (2010). Sendo uma das obras principais para esta pesquisa, referenciada no livro sobre

“*Teoria da História*” (2011) de José D’Assunção Barros, no qual ele disserta sobre como cada obra no território de “homens-livro” passeiam a salvo da repressão, ou seja, a obra no sentido em que já representa a cultura, o modo de viver.

As viagens de Gulliver de Jonathan Swift, O príncipe de Maquiavel, A república, de Platão, e Guerra e paz de Tolstoi—estes são alguns dos homens-livros e mulheres-livro que passeiam pelos bosques da liberdade livresca, por vezes absortos pelo sempre renovado esforço de reforçar a memorização de seus livros e de proferir através da recitação da sua ordem narrativa cada uma de suas palavras, por vezes se sociabilizando e trocando idéias que revelam que os próprios livros que incorporam já transformam radicalmente o seu viver ao lhes conferir uma sabedoria específica de vida (BARROS,2011,p 259).

Já Sandra Pesavento, cita em seu livro “*História & História Cultural*” (2007) outra obra de fundamental importância para esta pesquisa, “*A cultura do renascimento na Itália*” de Jacob Burckhardt. Assim as visões de mundo de Burckhardt, os valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os modos de vida relacionados aos vários grupos sociais, as ideias disseminadas, a partir disso notamos que a História cultural é a linha teórica usada nesta nossa pesquisa.

Não seria demais lembrar, nesta linha de precursores, a figura de Jakob Burckhardt, com a sua obra publicada em 1860, *A civilização da Renascença na Itália*, onde apresentava uma História em que os acontecimentos se diluíam diante da exposição do clima de uma época, das formas de pensar, das mentalidades. Burckhardt dava a ver, nessa obra, como todos os aspectos da sociedade, inclusive o político, e mesmo os caracteres individuais, se manifestavam em termos culturais, especialmente na arte, pelo que rompia com os tradicionais esquemas cronológicos de sucessão linear no tempo (PESAVENTO,2007,p 12).

Nosso objeto de pesquisa é a análise da relação política entre as personagens de Maquiavel e César Bórgia, cujo referente são os homônimos históricos que viviam na Itália no século XVI, no seriado televisivo “*The Borgias*” 2011 à 2013 do produtor Neil Jordan. Na série transparece o César conquistador, revelando assim o desempenho e o poder ao se tornar duque valentino, partindo daí, ele cresceu a ponto de ser um dos homens mais poderosos da Itália no século XVI. Também no livro de Maquiavel “*O príncipe*” ele depositou elogios, e também condenações à César. Porém, a política de

César Bórgia, pode ser levada em consideração só pelo momento em que estava sendo vivenciada, onde as potências seculares se enfrentavam.

A ambição, as armas, os atos tornaram de César Bórgia um príncipe temido, segundo Maquiavel (2010). E ele acreditava que desta maneira conquistaria o posto de soberano mais poderoso da Itália. César Bórgia conquistou muitos territórios, com a ajuda do seu pai, o então papa Alexandre VI, o que Maquiavel deixa claro nos seus escritos. É interessante analisar os padrões quebrados pela família Bórgia, principalmente pelo César Bórgia, que de cardeal, passa a príncipe que arquiteta sua política, e evidentemente quer superar à todos. Não há dúvidas quanto a ajuda de Maquiavel em suas decisões políticas mais importantes, o que conseguiremos notar neste trabalho.

Acreditamos que nossa análise está dentro das especificações do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, que tem como uma das vertentes a História cultural e como linha de pesquisa Literatura, e Mídia. No mais, a pesquisa está dividida em capítulos para melhor compreensão do que dispusemos explicar e analisar. O primeiro capítulo disserta sobre a Itália renascentista, apresentando sua cultura e especificidades, já no segundo capítulo o contexto político da Itália, para entendermos melhor como funcionava neste período a vida política. No terceiro capítulo a apresentação das personagens históricos que dará um conhecimento histórico para quando comparados com a série. No quarto capítulo explicaremos, sobre os principados, e comportamento dos príncipes neste período histórico, usando os escritos de Maquiavel como base. E finalmente a análise da série no quinto capítulo, usando como base toda a construção e relação histórica das personagens para a leitura da série televisa.

Sendo assim, as intenções e suporte teórico definidos, iniciamos o nosso estudo através dos próximos capítulos obedecendo as especificidades de cada um deles, considerando os exemplos durante o texto que remetem aos escritos históricos, e a cultura da Itália renascentista.

2. ITÁLIA RENASCENTISTA

É no período do nomeado renascimento na Itália, em relação ao medievo, e numa apologia a antiguidade clássica que o homem começa ter noção de si como indivíduo, que se transforma, e era entre as relações, os diálogos, e o contato entre as pessoas que as ideias circulavam, ou pelo menos era assim que os renascentistas queriam estabelecer, a imagem de uma sociedade que estava em transformação, e na concepção dos integrantes desse movimento era uma busca pela liberdade de visão. Essas quais com o tempo, formaria uma sociedade diferente, foi o início do que chamamos de antropocentrismo. O homem começou a se expressar, agir, não mais com base no teocentrismo, ou seja, pela fé. O homem agora estava no centro de suas ações. O renascimento em si, significaria para aquela sociedade, um novo começo, e essa renovação traria consigo o desejo de grandes transformações, além do despertar dos modelos da antiguidade na qual seguiriam como base. No livro *“A cultura do renascimento da Itália”* (2009), Jacob Burckhardt explica:

A grande e geral tomada de partido dos italianos pela Antiguidade começa, no entanto, apenas no século XIV. Para tanto, foi necessário certo desenvolvimento de vida municipal, desenvolvimento este que se deu somente na Itália e naquele momento: a convivência sob o mesmo teto e a efetiva igualdade entre nobres e burgueses; a formação de um meio social comum que sentia necessidade de educar-se e dispunha de tempo e meios para tanto (BURCKHARDT.2009,p.180).

Foi com base na antiguidade que o renascimento mudou a vida das pessoas, chegando a influenciar em todos os aspectos que rodeavam a sociedade, como: arte, música, literatura e escultura. Mas é importante saber que não foi apenas a antiguidade que influenciou na cultura do renascimento, mas também a desenvoltura do homem italiano. Como o próprio Jacob Burckhardt (2009, p.177) disserta: “não foi a antiguidade sozinha, mas sua estreita ligação com o espírito italiano, presente a seu lado, que sujeitou o mundo ocidental.” Ou seja, o valor da cultura da antiguidade, juntamente com o espírito crítico da sociedade renascentista tomava agora o rumo de uma nova era de modernidade. Jacob Burckhardt afirma que uma nova cultura contrapõe-se àquela da Idade Média, àquela cultura, em essência sempre eclesiástica e cultivada por eclesiásticos, uma nova cultura que se apega predominantemente

àquilo que se encontra além da Idade Média. Le Goff dialoga sobre características e valores desse homem medieval, que se diferenciava através de sua posição social.

Entre aqueles que vivem à margem, há sem dúvida dois tipos que mereceriam um tratamento mais amplo do que aqueles que lhes pôde dedicar Bronislaw Geremek: o pobre e o herético. Mas também neste caso, como aconteceu com o senhor e o feudalismo, a vastidão e a complexidade dos problemas respeitantes à pobreza e à heresia na Idade Média, levar-nos-iam demasiado longe. O leitor saberá, com certeza, que a pobreza é uma das realidades sociais e ideológicas mais agudas da Idade Média. Existe toda uma tipologia dos pobres e a pobreza voluntária constituiu, na Idade Média, assunto de azedas discussões (LE GOFF, 1990, p.18).

Na leitura do livro *“O homem medieval”* (1989) de Le Goff, também podemos notar que a igreja odiava tudo que contrariasse sua ideologia, o que diminuiria a fé e conseqüentemente sua autoridade sobre todo o meio. Mas também por outro lado, alguns homens fiéis a igreja foram de total importância para o renascimento cultural, pelos escritos, e conhecimentos das civilizações antigas. Essa cultura que se preservou, e que opunha-se a cultura religiosa do medievo serviu como ponto de partida para o movimento humanístico renascentista. Já Marc Bloch falava também do renascimento intelectual na sua *“A Sociedade Feudal”* (1987), e apresentou características dessa nova cultura, como ele mesmo chamava.

Os progressos dos meios de comunicação, tão aparentes no mapa econômico, não se inscrevem com menos nitidez no mapa cultural. A abundância das traduções de obras gregas e sobretudo – árabes – sendo estas, na sua maioria, apenas interpretações do pensamento helênico – a acção que elas exerceram sobre a consciência e sobre a filosofia dó – Ocidente comprovam uma civilização daí em diante melhor fornecida de antenas. Não foi por acaso que entre os tradutores se encontravam vários membros das colônias de comércio estabelecidas em Constantinopla. No próprio interior da Europa, as velhas lendas celtas, transportadas de Oeste para Leste, vinham impregnar com a sua estranha magia a imaginação dos narradores franceses. Por sua vez, os poemas compostos em França – gestas antigas ou narrativas de gosto mais moderno - são imitadas na Alemanha, na Itália, em Espanha (BLOCH, 2006, p.127).

As escrituras da antiguidade foram de grande importância, como já foi enfatizado anteriormente, certamente a maior forma de chegar ao conhecimento, e também a exaltação do homem, que agora seria capaz de atuar racionalmente, e com flexibilidade. O que não significa que os valores da

igreja, como: salvação, pecado, perdão, e entre outros, fossem realmente esquecidos, só não eram mais primordiais. Os humanistas esperavam aprender com os escritos da antiguidade, o que não foi possível com as escrituras medievais, e também para ter um melhor desenvolvimento na arte, na arquitetura, na escrita, e em todo o mais. Já não seria difícil imaginar para o homem italiano esse desenvolvimento, porque como constatou Burckhardt do seu “espírito italiano” aguçado, que já tinha uma presença humanista forte. O humanismo foi citado pelo Jacob Burckhardt, evidentemente:

A antiguidade greco-romana, que desde o século XIV intervém tão poderosamente na vida italiana – enquanto suporte e base da cultura, enquanto meta e ideal da existência e, em parte, também como uma nova e consciente reação ao já existente –, havia muito tempo vinha exercendo influência parcial sobre toda a Idade Média, inclusive fora da Itália. Aquela erudição representada por Carlos Magno constituía essencialmente um renascimento, em contra posição à barbárie dos séculos VII e VIII, e nem podia ser diferente. Da mesma maneira como, além dos fundamentos formais gerais herdados da Antiguidade, notáveis imitações diretas dos antigos imiscuem-se na arquitetura romana do Norte, também o conjunto do saber monástico absorvera grande massa de elementos oriundos dos autores romanos, e mesmo seu estilo, a partir de Einhard, não imune à imitação (BURCKHARDT, 2009, p.178-179).

Assim como a arte, a escrita, a educação (aprendizado de línguas principalmente), todos os aspectos da sociedade foram desenvolvendo-se a partir da evolução do renascimento. Na Itália poderíamos encontrar artistas de todas as áreas, gênios plenamente desenvolvidos e que são conhecidos até hoje por suas obras e capacidade. No livro *“A Itália no tempo de Maquiavel”*, Paul Larivaille (1988), denomina a Itália renascentista como um dos períodos mais fascinantes da História, riquíssimos em todos os aspectos culturais. Na obra foram citados diversos artistas, e em diversas áreas, com a arte que ele chamava de “maneirista”. Em especial, citou: Maquiavel na política (ao qual deu o nome do seu livro), Botticelli, Rafael, Leonardo Da Vinci, e Michelangelo (o chamava de “o divino Michelangelo”).

Se pensarmos além disso, na convicção, quase inteiramente generalizada entre os herdeiros de Rafael, Michelangelo, Leonardo e outros, de que a arte atingiu com esses mestres uma perfeição insuperável e que só se pode trabalhar no interior do círculo traçado por eles, se acrescentarmos ainda que o desenvolvimento da imprensa e particularmente da gravura, enriquecendo consideravelmente o “museu imaginário” dos artistas, tende com

frequência a reforçar sua dependência em relação aos repertórios de formas ao gosto da época e levá-los a imitação mais do que a criação⁴, entenderemos por que a alienação foi considerada como um dos principais motores da arte chamada maneirista. À medida que a sujeição ideológica é reforçada por uma sujeição iconográfica e ainda encorajada por uma clientela com frequência mais sensível à moda do que ao valor intrínseco das obras, a profissão tende novamente a ganhar terreno em relação à arte, a originalidade, a confundir-se com a proeza formal, com a habilidade de explorar, multiplicar e variar ao infinito técnicas e motivos preexistentes (LARIVAILLE, 1988,p. 189).

O mundo de transformações renascentista, trazia consigo a expansão marítima, o comércio em desenvolvimento, a burguesia, e entre outros. Essa expansão deu início ao que chamamos de processo da revolução comercial, onde o mundo seria ligado através do comércio. O renascimento fez surgir novas ideias, como já foi exposto, teve uma evolução em todos os campos, inclusive nas técnicas de navegação. Além da busca por terras e pedras preciosas, e ao descobrirem a América e seus nativos, o que propiciaria a vontade de expandir a fé e também de lutar contra os infiéis, o que nomearia de “As cruzadas”¹. Jacob Buckhardt (2009), refere-se a essa questão em seu livro, explicando:

Acerca das viagens dos italianos a regiões distantes do globo, cabenos aqui fazer apenas uma observação de caráter geral. As cruzadas haviam descortinado as terras longinhas aos europeus e despertado em toda parte o gosto pela aventura e pelas viagens. Será sempre difícil precisar o momento no qual esse gosto se une à ânsia pelo saber, ou desta se torna escravo. Certo, porém, é que isso se deu primeira e mais completamente entre os italianos. Sua própria participação nas cruzadas dera-se sob o signo de diferente da dos demais povos, uma vez que possuíam já frotas e interesses comerciais no oriente (BRUCKHARDT,2009,p.264).

Apenas no século XVI, o humanismo renascentista foi transformado com base na evolução da sociedade européia, e pelas ideias da reforma protestante (Liderada pelo famoso Martinho Lutero). Esses movimentos coincidiram com a queda do renascimento italiano, o que propiciou no plano comercial, das artes, política, ciência, e da fé, mudanças significativas, essas quais Paul Larivaille (1988) aborda em seu livro. Foi na segunda metade do século XVI, que o renascimento começou a desaparecer. E depois, as principais causas desse desaparecimento foi o fato de que parte da Igreja, estava acostumando-se no

¹ Sugerimos a leitura do livro “*Virando séculos*” (1999) do Serge Gruzinski, para o melhor entendimento sobre as técnicas de navegação, a “descoberta” da América, as cruzadas, e todas as discussões sobre esse período.

modo de vida capitalista, chegando a romper com o clero romano antigo, promovendo diversas reformas que originaram igrejas cristãs novas. A partir disso, a Europa dividida entre católicos e protestantes tornou-se um continente em crise, onde predominam o fanatismo, as guerras religiosas e as fogueiras da inquisição. Nessa incerteza, o Renascimento perdeu o equilíbrio e a paz que o fizeram florescer. Porém, o centro das atenções desta pesquisa é o antes da queda do renascimento, Garin (1996) já dissertou sobre essa época:

Uma época de crise, de revoluções mentais, de iluminações fecundas, tornava-se uma era de eruditos e de pedantes. Permanecia à sombra justamente a ruptura com os esquemas tradicionais, o nascimento de novos tipos de 'intelectuais', uma forma diferente de circulação de idéias, não somente nas escolas mas nas cidades e nas cortes, nas lojas e nos bancos, entre magistrados, políticos e homens de ação: entre 'leigos' numa sociedade de 'leigos'. Esqueciam-se as consequências mentais de 'descobertas' como as de Colombo e Copérnico. Ignorava-se o sentido de novidade radical que num certo momento foi comum a cientistas e filósofos, que concordavam em dizer que se voltava às origens com a impressão de estar começando tudo de novo (GARIN,1996,p.12).

A idade Moderna (Renascimento) veio com o individualismo, naturalismo, hedonismo, racionalismo, e otimismo. Essas características contrapõem-se às do homem medieval, ou seja, o indivíduo moderno foi formado de uma transição, principalmente quando se manifesta o individual, e certamente quando se refere a antiguidade clássica, na qual foi de grande inspiração. Jacob Burckhardt (2009) acredita que a cultura do renascimento trouxe luz. E como vimos, é fácil entender porque ele acreditava ser assim, já que com a passagem para a modernidade significa poder fazer tudo sem nada que atrapalhasse, e sem medo do que era novo.

Inicialmente como vimos esse período desenvolve ao máximo o individualismo, conduzindo-o, a seguir, ao mais diligente e multifacetado conhecimento do indivíduo, em todos os níveis. O desenvolvimento da personalidade vincula-se, essencialmente, a seu reconhecimento em si próprio e nos outros. Tivemos de situar a influência da literatura antiga entre esses dois grandes fenômenos porque a maneira de reconhecer e descrever tanto o individual quanto o genérico da natureza humana foi substancialmente matizada e determinada por aquela influência. A força desse reconhecimento, porém, provém da época e da nação (BURCKHARDT,2009,p.282).

Em resumo, a Itália pode ser evidentemente considerada o berço do renascimento, no qual a História sem pensar muitas vezes, afirma que foi o

período de desenvolvimento do indivíduo. E de muitas maneiras é notável que os Italianos foram os primeiros modernos, segundo Burckhardt (2009) em seu ensaio sobre a cultura na Itália nos mostra que os italianos poderiam ser considerados os primeiros homens modernos, e seria assim, como ver nossa própria imagem refletida, esquecendo as muitas diferenças que existem entre nós. Existem críticas a leitura de Burckhardt, porém nunca foi contestado seu amplo conhecimento e profundidade com relação ao renascimento italiano.

2.1 Contexto político da Itália

As obras de Maquiavel contribuem grandemente para o entendimento da política italiana. O pensamento político de Maquiavel permitiu o renascimento de novas ideias, onde as concepções dele cabe ser valorizadas porque são exclusivas, e por mais séculos que passe, continuará explicando a política (não apenas da Itália) de uma forma completa e original. E o que mais impressiona no pensamento de Maquiavel, é o modo como ele lidava com a moral na política, e é analisando a vida cotidiana na Itália no tempo de Maquiavel que será fácil entender essa ideia política revolucionária, que deferida os conceitos da Santa Igreja.

Diz o criador a Adão: Coloquei-te no meio do mundo, para que mais facilmente possas olhar a tua volta e ver tudo que o cerca. Criei-te como um ser nem celestial nem terreno, nem mortal nem imortal apenas, para que sejas tu a moldar e superar livremente a ti próprio. Podes degenerar-te em animal ou recriar-te à semelhança divina. Os animais trazem do ventre materno o que devem ter, os espíritos mais elevados são desde o princípio, ou tornam-se sem demora, o que seguirão sendo por toda a eternidade. Somente a ti foi dado crescer e desenvolver-te conforme tua vontade: tens em ti os germes de toda espécie de vida (BURCKHARDT.2009,p.323).

Uma reflexão sobre a Itália no tempo de Maquiavel, onde as pessoas viviam no que podemos chamar de "Itália dividida", onde o poder era o principal objetivo. Como foi dito anteriormente, a fé deixava de agir no centro das ações do homem, neste período a moral cristã não era mais forte do que a vontade de conquistar espaço. Um período que foi marcado pela violência, salvo raríssimas exceções. Como coloca Eugenio Garin (GARIN *apud* LARIVAILLE,1988, p.9): " Uma época de esplendor, mas não uma época feliz".

É fácil entender a Itália, usando como ponto de partida esse pensamento, que gerou a sociedade na qual Maquiavel explica em suas obras, dentre elas:

os *“Discorsi: Comentários sobre a primeira década de Títio Lívio”* (1512-1517) (historiador romano, 59 a.C.), *“A arte da guerra”* (1519-1520), *“Histórias florentinas”* (1520), e sua principal obra e a mais trabalhada nessa pesquisa: *“O príncipe”* (1532). Maquiavel através destas obras explana e procura explicar os acontecimentos da Itália do século XVI, as origens de Roma e das outras cidades, e principalmente sua política. Podemos resumir destacando que nessa época, a Itália era dividida em pequenos estados, reinos, e repúblicas. Havia disputas de todos os gêneros, e principalmente de poder entre eles, onde Maquiavel orientava sobre a vida política, e sobre os perigos que poderiam ameaçar os governantes. Para entender melhor toda a Itália no tempo de Maquiavel, é essencial analisar a vida cotidiana, e os Estados.

Larivaille (1988) explica que a Itália é um mosaico de Estados, com os mais variados regimes políticos onde Nápoles, Florença, os Estados pontifícios, Veneza, Milão, e outros Estados menores que gravitavam ao redor deles, dominavam a vida na península. A Itália com uma Igreja corrupta, no qual os papas são os primeiros a se corromper, confundindo interesses pessoais com os da Igreja. Esse período dos grandes banqueiros, dos grandes artistas, conhecido como um dos tempos mais fascinantes da história, o que era o ponto de vista do pensamento de Larivaille.

Pode-se chamar Itália a um mosaico de Estados irremediavelmente divididos, perdidos, além disso, no tabuleiro de xadrez político-militar europeu, onde não são mais que meros peões? Isso parece temerário. E, no entanto, que consciência de ser italiano e de necessidade de construir um Estado italiano capaz de fazer frente as poderosas nações vizinhas nessas linhas de Maquiavel e, mais ainda no capítulo final de O príncipe, onde ele exorta os Medici a se tornarem os redentores da península e a libertá-la do jugo bárbaro! Que sentimento profundo de italianidade também em Francesco Guicciardini, esse outro grande historiador e político florentino da época, quando, reconhecendo o papel de divisor representado pela Igreja mas contestando a necessidade de uma unificação da península, escreve nas suas **Considerações sobre os discursos de Maquiavel**: “Se a Igreja romana se opôs a constituição de monarquias, eu não admito facilmente que isso tenha sido uma desgraça para este país, pois assim ficou salva essa maneira de viver que mais convém aos seus mui antigos costumes e suas inclinações! (LARIVAILLE, 1988,p.12).

Maquiavel e Guicciardini não eram homens comuns, e por isso não podem ser comparados a toda a sociedade desse período, eram homens de pensamento diferenciado, mas que partilharam muito do seu conhecimento

com a população, que certamente fez diferença. A vida política dos italianos em geral é mais desenvolvida do que a dos conquistadores bárbaros, como disse o próprio Francesco Guicciardini:

[...] de uma história, de uma cultura e, concretamente de uma arte de viver muito superior à dos conquistadores bárbaros que disputam, a partir de 1494, o território italiano e serão eles próprios conquistados pelos requintes que lá encontram (GUICCIARDINI *apud* LARIVAILLE, 1988, p. 13).

Essa citação de Guicciardini, no livro de Larivaille, é um discurso italiano de julgamento de valor, que é baseado em uma análise da sociedade, através de valores, e características da vida cotidiana. Não que seja surpresa, como já foi mencionado, a Itália impressiona de tudo pela originalidade da cultura. Voltando aos jogos da política, Paul Larivaille completa:

Dada a fragmentação territorial da península nessa época, falar de uma vida política italiana do renascimento justifica-se apenas no nível das relações entre os Estados. Abaixo desse nível, se é mais correto falar de vidas políticas, a variedade dos regimes não é tanta, todavia, que não possa se resumir a alguns exemplo do Estado de Ferrara, exemplo de Estado principesco, governado monarquicamente; os Estados Pontifícios, um outro tipo de Estado principesco, mas cuja originalidade consiste no caráter não-hereditário daquele que Maquiavel chama de “principado eclesiástico”; e em primeiro lugar, Florença, que, tanto pela posição central que ocupa quanto por suas tradições e por suas mudanças de regime, estreitamente ligadas a evolução da situação no conjunto da península, constitui uma boa ilustração dos meandros do jogo político italiano (LARIVAILLE, 1988, p.15).

O historiador Anthony Grafton, disserta sobre as cidades-Estado na renascença italiana, dando ênfase a República de Florença, a quem Maquiavel serviu. É interessante notar nas palavras dele o funcionamento da Itália renascentista, que serve de base para se manter no poder. Além disso, é notável que as grandes Repúblicas e principados giravam em torno da política, sendo assim a leitura de “O príncipe” é de grande contribuição, e uma maneira indispensável para entender a vida cotidiana e os Estados.

O interesse obsessivo de Maquiavel pelo funcionamento da política, sua paixão pelos mexericos em torno a homens importantes e altos negócios, seu desesperado esforço para enunciar regras capazes de prever a reação dos homens aos desafios e crises políticas – todos esses e muitos outros laços de caráter e intelecto, ele os compartilhava com um grande número de concidadãos. Assim como as experiências políticas que o levaram a se afastar das convicções

florentinas mais comuns acerca de alguns pontos vitais. Tanto na forma quanto no conteúdo, **O príncipe** deve muitíssimo à sociedade e cultura peculiares em que seu autor cresceu, trabalhou, pensou e viveu sua própria crise política (GRAFTON *apud* MAQUIAVEL, 2010, p. 25).

Maquiavel, é considerado o fundador da ciência política exatamente por responder a todas as perguntas, apresentando um cenário político em que a participação dos governantes e os jogos de interesses são cruciais para manutenção do poder. Como analisou o filósofo político britânico Isaiah Berlin, sobre como Maquiavel apenas escancarou o óbvio: a ética cristã da compaixão nem sempre era compatível com a ética do Estado. Falar de vida política e cotidiana da Itália no renascimento, é o mesmo que explicar a relação entre os Estados italianos, e também explicar o jogo político que o conduzia. Temos, como formas de vida política segundo Maquiavel: a República e o Principado. No que Maquiavel afirma nitidamente no capítulo IV de “*O príncipe*” (2010): em todas as cidades, existem esses dois humores diversos que nascem da seguinte razão: o povo não quer ser comandado e oprimido pelos grandes, enquanto os grandes desejam comandar e oprimir o povo, desses dois humores diferentes, nasce nas cidades um desses três efeitos: principados, liberdade, ou licença. Ou seja, Maquiavel mostra sua reflexão sobre principado como consequência das relações entre os grandes e o povo. Sobre liberdade, é considerado como aqueles que são livres, apenas sujeito às leis. E a licença, que tem como principal característica a corrupção, que não é uma forma de governo e sim uma prática. Essa característica, nunca perdeu sua atualidade, ou seja, por esse e tantos outros motivos o pensamento de Maquiavel é tão presente nos dias atuais. Fernando Henrique Cardoso no prefácio de uma tradução brasileira de “*O Príncipe*”, declara que:

A chave milagrosa para dotar o texto de “eterna juventude” terá sido a capacidade demonstrada por Maquiavel para interpretar uma experiência pessoal, datada, sem descuidar do olhar reflexivo, ampliado, pela cultura histórica, para tirar de sua vivência ensinamentos que vão além do tempo e do espaço? Sem dúvida estes fatores, além da genialidade do autor, contribuíram para o êxito da obra. Mas há algo mais. O livro trata de modo aparentemente pouco pretensioso de grandes temas: a mudança de uma época e a ruptura de paradigmas de interpretação. Não foi por acaso, portanto, que *O príncipe* se tornou um marco (CARDOSO *apud* MAQUIAVEL, 2010,p.12).

Maquiavel em sua obra “*O príncipe*” explica a política através da vivência, baseado nas experiências dos príncipes, e em cada tipo de principado ele apresenta a figura de um príncipe (ou mais de um), além da base nas escrituras romanas antigas. O Paul Larivaille (1988) no livro “*A Itália no tempo de Maquiavel*”, analisa:

Afastando-se tanto de estreiteza falaciosa de experiência apenas vivida como da abstração enganadora de uma cultura exclusivamente livresca, a lição que decorre dessas linhas é a da dupla necessidade, de submeter a experiência contingente à prova “relativizante” e objetivamente da história e, inversamente, de não acolher cegamente os textos antigos como se fossem o Evangelho, mas questioná-los, submeter seus ensinamentos à prova do presente: experiência contra experiência, em suma, adquirindo a existência cotidiana as dimensões de uma propedêutica, de uma iniciação indispensável à meditação histórica e política (LARIVAILLE, 1988,p.153).

Sendo assim, é indispensável para um melhor entendimento desta pesquisa, a apresentação das personagens analisadas. Maquiavel, embaixador florentino, que daria conselhos políticos à César Bórgia, duque valentino. Alexandre VI, papa Bórgia, e os outros integrantes da família Bórgia, também serão apresentados. As características que serão apresentadas darão clareza ao explicar a vida política deste período no qual as personagens vivenciaram.

3. APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS:

3.1 Maquiavel

Segundo Larivaille (1988), Nicolau Maquiavel nasceu em 3 de maio de 1469, em uma família que não era nobre, porém, estudou nas melhores escolas. Filho de Bernardo, um advogado que fazia parte de uma das posições mais pobres da nobreza italiana. Se conhece pouco sobre os primeiros anos de Maquiavel, mas as informações é de que ele leu muito os clássicos latinos e também os da Itália. Na adolescência, sua biografia começa a se embaralhar com a História de Florença. Já em 1494, Maquiavel inicia sua vida pública, trabalhando assim em cargos de pouca importância. Só após a morte de Girolamo Savonarola - Famoso profeta, porta-voz religioso e ideológico da República de Florença - que Maquiavel foi indicado para segundo chanceler da República. E como disse Volker Reinhardt (2013) sobre os motivos da morte de Savonarola, por Alexandre VI:

De um lado, o amor ao próximo, a piedade mística e a edificação moral; do outro, o oposto absoluto, uma verdadeira caricatura perversa dos valores cristãos. Está fora de questão, assim como em muitos outros aspectos contraditórios, que ambos os protagonistas nutriam concepções irreconciliáveis sobre a missão da Igreja. Mesmo que fosse compreensível a necessidade de reconhecer neles, em um tempo conturbado por preocupações escatológicas, a encarnação do bem e do mal, as causas desse conflito eram bem mais complexas (REINHARDT,2013,p. 147-148).

Um pouco mais sobre essa relação conflituosa entre Savonarola e o papa Alexandre VI, Reinhardt (2013), explica que estava em jogo também os interesses de Maquiavel, segundo chanceler da República. A Itália no tempo de Maquiavel era um lugar perigoso, e Savonarola era um profeta desarmado, tinha apenas seus seguidores. No momento em que Alexandre VI consegue queimá-lo na fogueira por heresia, a situação de Florença muda porque o regime republicano mantido pelo Frei, declina. Foi nesse momento que Maquiavel em seu posto de secretário florentino, começou a ter mais contatos com os assuntos políticos. E as pregações de Savonarola em Florença e para o mundo, atingia diretamente as famílias poderosas da Itália, entre elas, os Médici, a família para quem Maquiavel prestava seus serviços. Então, de forma escancarada, Girolamo Savonarola atrapalhava os interesses dessas famílias e do papa que com todo o seu poder, pusera fim nos discursos do frei, que influenciava as pessoas a por fim em todas as coisas mundanas na condição de renovação moral e política. Volker Reinhardt (2013) completa: “Alexandre VI saiu-se vitorioso. Além disso, a cúria viu confirmada as suas convicções: mais fortes do que o carisma pessoal são o poder do cargo e, com ele, a tradição.”

A busca pelo poder gera instabilidade permanente, o que somente o cálculo político, a astúcia, e as ações friamente planejadas dariam resultado, segundo o próprio Maquiavel. O país turbulento vivenciado por Maquiavel foi explicado também pelo Paul Larivaille:

Tendo entrado na administração florentina logo após o fim trágico de Savonarola, em 1498, Maquiavel havia sido até o retorno dos Médici do exílio nos furgões dos exércitos espanhóis, durante o verão de 1512, um dos principais artesões da política da República. Secretário da segunda chancelaria, ele progressivamente se tornaria, a partir de 1502, o conselheiro respeitado e o homem de confiança (o testa-de-ferro e até o homem de ação aos olhos da oposição) daquele que era, num certo sentido, o presidente vitalício da República de Florença: o gonfaloneiro Piero Soderini (LARIVAILLE,1988,p.144).

O que propiciou a Maquiavel um convívio com muitos homens com interesses políticos, onde começa também a analisar as ações, a cultura, a deslealdade das cortes, tudo que tivesse para ser observado. Atenção era o que não lhe faltava, qualquer movimentação possível o conselheiro estaria informado e pronto para usar da sua capacidade. Neste momento teve contato direto com César Bórgia, segundo Paul Larivaille (1988). Exatamente no mesmo momento, ele destaca também que Piero Soderini está em uma situação de fraca resistência, o que o faz fugir, deixando o cargo, quando notou que não teria como lutar contra oposição externa e interna, incitado pelos Médici, de tal forma que:

Assim, nos meses que se seguiram à fuga de Piero Soderini e à restauração dos Medici, malgrado a sua vontade manifesta de continuar a servir fielmente ao Estado e aos novos senhores, o seu compromisso notório com o regime derrubado lhe valera mil dificuldades criadas pelos partidários dos Medici. Destituído de todas as suas funções já no início de novembro de 1512, com a proibição de deixar o território florentino durante um ano, ele fora submetido a uma série de interrogatórios sobre suas atividades anteriores, especialmente sobre a administração das milícias. Depois, em fevereiro de 1513, como consequência da descoberta de um complô contra os Médici e de uma lista onde figurava seu nome, ele havia sido detido, torturado e finalmente liberado e indultado graças a intervenção de Juliano de Médici, com quem provavelmente havia convivido na juventude, antes da expulsão dos Médici de Florença em 1494 (LARIVAILLE, 1988, p.144-145).

Maquiavel neste momento se retira para sua humilde propriedade que foi doada pelo próprio pai dele, mas não ficou muito tempo sem tentar voltar a ocupar o seu cargo, e para falar da vida e estratégias políticas. No momento escreve uma carta ao Francesco Vetorri, que era embaixador de Florença, na esperança de ser recompensado pelos seus conselhos sobre política, os falados negócios de Estado. E Longas análises de referências políticas, e de sugestões. Mas só depois que *“O príncipe”* é dedicado ao Lourenço de Médici, uma jogada genial de Maquiavel para restituir sua vida e o seu cargo. Larivaille observa que Maquiavel tinha o propósito de com suas cartas, e com *“O príncipe”* iniciaria um novo caminho a serviço dos Médici.

Em respostas as questões e hipóteses formuladas por Vettori, a maior parte das cartas que Maquiavel escreve ao embaixador, de abril ao verão de 1513, passa de uma série de análises minuciosas dos dados da política do momento e de sugestões que ele espera

que cheguem aos ouvidos dos Médici e os levem a conceder-lhes os favores que ele continua a solicitar mais ou menos explicitamente em todas as ocasiões. E o tratado *O príncipe*, que aparece, no que diz respeito ao seu conteúdo essencial, durante esse mesmo verão de 1513 e que ele pensa, num primeiro momento, dedicar a Juliano de Medici, é também ao mesmo tempo o fruto da observação da atualidade política, de uma reflexão sobre as obras e os pensadores antigos e do mesmo desejo obstinado de iniciar uma nova carreira a serviço dos Medici (LARIVAILLE, 1988, p. 145-146).

Na carta de Maquiavel à Francesco Vettori, embaixador de Florença no tempo do papa Leão X, segundo Larivaille (1988) revela o desejo intenso de servir, de continuar seu trabalho que foi interrompido no ano que havia se passado, após a queda de Soderini. E completa: “[...] já que ele não se cansa de afirmar que o sucesso é produto das circunstâncias, da conjunção feliz de uma aptidão e de uma situação e que não existe sucesso duradouro sem capacidade de adaptação contínuo às perpétuas flutuações da sorte. [...]”

Apenas em 1514 por solicitação do cardeal Médici, que foi indicado para ser legado pontifício na França, Vettori solicita Maquiavel para ajudar na atitude que o papa deveria tomar no momento delicado que estava para ser vivenciado. Segundo Paul Larivaille (1988), Maquiavel escreve rapidamente uma longa carta de investigação política. Com mais dez dias, uma segunda carta explicando pontos que talvez não tivessem claros, e ainda no mesmo dia uma terceira carta. Após a leitura das cartas, Larivaille acrescenta ainda: “ O papa, o cardeal Médici e o cardeal Bibbiena, braço direito de Leão X, leem as cartas de Maquiavel, declaram-se estupefatos com seu talento e julgamento, mas nada além dessas boas palavras.”

Em 1516, Juliano de Médici morre, e Maquiavel não desiste, no mesmo ano dedica “*O príncipe*” ao sobrinho do falecido, o ambicioso Lourenço de Médici. Em busca de um emprego, Maquiavel não cansava porque sabia que em um momento iriam precisar dos seus conselhos de forma ainda mais frequente, e seria de certa maneira mais valorizado, o que traria sua nova posição. E era uma maneira esperta de continuar mantendo sua cabeça, em tempos tão difíceis. Larivaille (1988), disserta:

Este, no entanto não desiste, fiel à sua regra de sempre ele começa a frequentar os Orti Oricellari (jardins da família Rucellai), um círculo na época bem visto pelos Medici, onde se reunia a elite da juventude florentina e onde eram acolhidos os viajantes ilustres de passagem por Florença. Estimulado pelo interesse que demonstram por ele, Maquiavel prossegue com ardor a composição de seus **Discursos**

sobre a primeira década de Tito Lívio, que ele lê publicamente, à medida que redige, e reúne a seguir num volume dedicado a dois desses jovens. Dois deles, igualmente próximos aos Medici, são interlocutores do longo diálogo de **Da arte da guerra**, que ele compõem entre 1516 e 1520, e os homenageados com as dedicatórias da Vida de Castruccio Castacrani, escrito durante o verão de 1520. Entre sua comédia **A mandrágora**, representada inicialmente em Florença, e depois, em 1520, em Roma, na presença do papa Leão X. Esta atividade febril, desenvolvida em esferas que sempre de um modo ou de outro, atinge os Medici acaba por dar alguns frutos que, em 1520, Maquiavel é consultado em nome do papa, pelo cardeal Medici, sobre a forma a ser dada ao governo de Florença na conjuntura criada pela morte prematura de Lourenço em maio de 1519 (LARIVAILLE,1988,p.155).

Maquiavel tinha ampla abordagem histórica, ele dedica quatro de seus oito livros, de suas *Histórias florentinas*, do período anterior ao dos Médici, com o que considera a degeneração do poder dos príncipes em tiranias. E chegando o momento de escrever sobre os Médici, Maquiavel toma o máximo de cuidado para não avaliar de maneira negativa a política interna, enfatizando a política externa. Quando cita Cosme ou Lourenço, limita-se a elogios, dosando sua opinião pessoal sobre os dois. Estratégia, como o Paul Larivaille comenta:

Assim, para além dos elogios sem dúvida em grande parte sinceros que Maquiavel confere aos dois Medici, é preciso recorrer à comparação com o elogio de Cosme para apreender a amplitude das reservas que contém o de Lourenço e ler os discursos dos adversários de Cosme para conhecer o âmago do pensamento de Maquiavel sobre a sua política. Rinaldo degli Albizzi, inimigo mortal de Cosme, desqualifica esse último, o qual, por sua vez, por comparação, rebaixa Lourenço! Entende-se a partir disso por que razão, sem renunciar abertamente dar-lhe prosseguimento, Maquiavel interrompeu sua história de Florença na altura da morte de Lourenço, o Magnífico, e morreu ele mesmo, dois anos após essa interrupção, sem ter reiniciado o trabalho (LARIVAILLE, 1988,p.159).

Mais do que as ocupações que são destinadas a Maquiavel em 1525 e 1526, Paul Larivaille (1988) provoca com algumas perguntas: “Como evocar a queda dos Médici em 1494 sem chocar ou renunciar às próprias ideias?” “Como escrever a história da República Florentina até 1512 sem poder optar entre renegar as suas convicções republicanas e atacar seriamente os Médici, inimigos principais do regime que ele mesmo serviria com zelo? “ Maquiavel só interrompe a obra quando vê que não tem alternativa, esse seria o preço para sair da posição de cortesão.

Ainda que nos oito livros existentes de suas Histórias florentinas, maquiavelicamente (para utilizar um termo que só será forjado mais tarde por seus detratores), ele se tenha esforçado por disseminar sua verdade quando não podia dizê-la abertamente, a fim de salvaguardar uma ilusão de boa consciência e de coerência com o passado, o que aparece claramente, à simples leitura da obra, não é mais do que um elogio dos Medici e um testemunho de obediência objetiva em relação a eles (LARIVAILLE,1988,p.160).

Maquiavel viveu numa época em que os direitos autorais não existiam, ou seja, suas obras poderiam ser apreciadas, porém não daria para sustentá-lo. Os três pensadores políticos da época, segundo Larivaille (1988) eram: Maquiavel, Guicciardini, e Castiglione. Que em 1520, serviriam ao mesmo senhor, o papa. No qual era o último soberano de peso na Itália transformada em campo de batalha das potências estrangeiras.

3.2 Os Bórgias

Bórgia² é o nome de uma família espanhola, mais precisamente de Xátiva. Segundo Volker Reinhardt (2009), Alonso de Borja nasceu em 1378, no povoado de Canals, perto de Xátiva, morreu em 6 de agosto de 1458, como papa Calisto III, em Roma. Alonso também estudou direito em Lérida na Espanha, e foi só em 1408 que seguiu a carreira eclesiástica. Ele, assim como seu sobrinho Rodrigo Borja, era ambicioso. Rodrigo nasceu em 1431, E herdou do seu tio o celibato. Reinhardt disse que era assim que funcionava as posições de liderança da igreja, herdadas não de pai para filho, e sim de tio para sobrinho. Reinhardt, esclarece:

Cada prelado que conseguisse chegar à cúpula da Igreja levava prontamente consigo a sua família – munido do afã indomável de lá se estabelecer por tempo indeterminado. Esse mecanismo frustrava não apenas os romanos “natos”, mas também escasseava os recursos para os futuros jovens promissores. E, com isso, anunciavam graves conflitos na distribuição de recursos. Como muitos fizeram antes e depois dele, o cardeal de Xátiva também tomou medidas de preocupação para garantir a futura posição dos seus (REINHARDT,2013,p. 28-29).

Rodrigo de Borja, no qual o nome foi mudando para Bórgia. Segundo Reinhardt (2009), ele foi levado para Roma em 1449, não abandonando mais a

² O nome original seria Borja, mas ao mudarem para Roma italianizaram para Borgia.

Itália. Estudou direito em Bolonha, tornou-se cardeal quando seu tio, o então Calisto III em 1455, o nomeou, vice chanceler em 1457 e depois papa em 1492. Foram muitos anos de aprendizado, para ocupar o trono de São Pedro. Além também da nomeação de vice chanceler que seu tio lhe atribuiu, o mais importante e lucrativo posto dentro da cúria, depois do papado. Também a nomeação de bispo de Valência, aumentando ainda mais seus rendimentos, não sendo pouco, o cardeal também foi capitão das tropas papais. Seu tio não tinha cerimônia com nomeações para seu habilidoso sobrinho.

Os dois papas Bórgia, em especial, podiam recorrer a um vasto reservatório de especialistas na área administrativa e do exercício do poder; não é por acaso que esses experts, quase sem exceção falavam catalão. A razão do nepotismo é o nepotismo. Em outras palavras: o apoio à família é o fim em si mesmo. Papas nepotistas – e até o final do século XVII o foram quase todos aqueles que regeram por tempo prolongado – têm geralmente duas coisas em mente: a posição que ocupam e a família, duas almas residindo no mesmo peito (REINHARDT,2013,p.40).

É nesse sentido que podemos apresentar a família do papa Alexandre VI. Segundo Volker Reinhardt (2013), o cardeal teve muitas amantes, filhos ilegítimos, porém, apenas com Vannozza Cattanei, dez anos mais nova que ele, foi mãe de quatro de seus filhos mais famosos: César Bórgia nascido em 1475, Giovanni em 1476, Lucrecia em 1480, Jofre em 1481. Já Ivan Cloulas (2009) fala que Rodrigo Bórgia desde muito cedo se preocupou com o futuro dos filhos (que sempre estudaram nas melhores escolas). César foi destinado primeiramente a uma carreira eclesiástica, que recebe um rendimento eclesiástico logo aos sete anos de idade. Aos nove anos é nomeado tesoureiro do bispado de Cartagena. E aos doze anos, o pai o encaminha para Perúcia, o que se dedica ao estudo do Direito e das Humanidades, na Universidade de La Sapienza. Depois César vai para a universidade de Pisa.

Em 1491, o papa Inocêncio VIII concede a César o bispado de Pampola, e o jovem nitidamente foi seguindo o exemplo do seu pai. César então aos dezoito anos, e ainda na universidade de Pisa, recebe a ordem do seu pai para ir a Espoleto para proteção e enfrentamento dos ataques e intrigas, o que acreditava que César era muito capaz, segundo Cloulas. No dia da coroação de Rodrigo, ele nomeou o seu filho César, a arcebispo de Valência, no qual o

rendimento era de 6000 ducados ao ano, ou seja, é notável todos os benefícios destinados a César.

Embora tenha recebido muitos benefícios eclesiásticos, o filho do papa vai transpor mais um degrau na hierarquia da Igreja. Em 20 de Setembro de 1493, o papa nomeia mais de 12 cardeais. Nesta promoção, que se poderia qualificar ao mesmo tempo como familiar e internacional, César figura como cardeal-diácono do título de Santa Maria-a-Nova. Ao seu lado encontra-se Giuliano Cesarini, cardeal-diácono do título dos Santos Sérgio e Baco (é cunhado de Jerónima, filha natural do papa) e ainda Alexandre Farnese cardeal-diácono do título dos santos Cosme e Damião. As outras nomeações exemplificam a vontade de Alexandre de atrair as potências que o rodeiam (CLOULAS,2009, p.39).

Quando Ivan Cloulas (2009) fala sobre Giovanni, ou João³, como é chamado em português, e como o Cloulas faz referência a ele no seu livro. Podemos encontrar também autores que o chamam de Juan, no espanhol, Giovanni no italiano. João era duque de Gândia, e foi destinado para carreira militar, o papel no qual César ansiava em ter. Além de casar com a princesa Maria Enríquez, filha do rei Fernando de Aragão da Espanha.

Em 24 de agosto de 1493, faz a sua entrada na cidade, sendo acolhido por toda a família real. Após a celebração do noivado, os esposos instalaram-se no palácio ducal de Gândia. Todavia, o jovem noivo de 17 anos não consegue resistir às tentações que a sua nova existência lhe oferece. Gasta sem controle as somas consideráveis que o seu pai lhe deu para comprar novas terras. É visto frequentemente na companhia de mulheres que estão longe de se parecer com a sua mulher legítima... Esta vida de deboche e de luxúria, cujos ecos chegam ao papa, valem-lhe severas repreensões do irmão. César já revela a sua vontade de ditar a conduta ao irmão mais novo (CLOULAS,2009, p.40).

Lucrecia Bórgia foi a que mais casou na família, aos 11 anos, já iria casar por vontade do seu pai. Segundo Cloulas (2009), Rodrigo em 1491, negociou o que seria o primeiro casamento da sua filha com D. Cherubino, mas não deu certo, por motivos desconhecidos. Rapidamente encontra-lhe outro pretendente. No ano 1492, quando é eleito papa, um marido para Lucrecia seria essencial para manter uma aliança na qual se tornaria um aliado para ajudá-lo nas adversidades. Giovanni Sforza, senhor de Cotignola e senhor de Pesaro, feudo pontifício situado nos confins da Romanha. Giovanni seria um

³ Por exemplo, o historiador Volker Reinhardt refere-se a ele em seu livro com o nome italianizado "Giovanni", já no livro do historiador Ivan Cloulas ele usa o "João", e também o nome de origem espanhola que é "Juan". Também conseguimos notar diferenças no nome do restante da família dependendo do país em que a obra foi publicada.

ótimo pretendente, e já no ano seguinte 1493, o casamento entre os Bórgias e os Sforza foi realizado.

O dote da mulher foi fixado em 30 000 ducados. Este casamento, que compromete o papa com os Sforzas, assegura a proteção dos seus Estados e torna inútil a aproximação a Nápoles, iniciada com a negociação do casamento de seu filho mais novo, Godofredo, com a princesa napolitana (CLOULAS,2009, p.36).

Lucrécia casou três vezes, o que seria uma articulação do pai, e do seu irmão César, para manter o papado sem dificuldade, mantendo aliança com o Estado que fosse mais propício no momento. Jofre, ou Godofredo, como Cloulas refere-se a ele. Em 7 de maio de 1494 com apenas 12 anos, recebe em dote seis feudos, entre os quais o principado de Esquilache e o condado de Cariati, na Calábria, com rendimento de 4000 ducados. E o papa, se compromete com sua nora, de enviar 15 000 ducados de ouro, além de mandar entregar 10 000 ducados em jóias e peças de seda e veludo tecidas a ouro.

Por uma cédula que manda ler durante a cerimônia de casamento, o rei Afonso II proclama João de Gândia, irmão de Godofredo, príncipe de Tricarico e conde Chiaramonte e de Lauria, em Basilicate, que estavam na dependência do rei de Espanha. Os dois irmãos Bórgia, João e Godofredo, são agora membros das duas famílias reais aragonesas de Espanha e de Itália, onde gozam de um estatuto elevado por serem filhos do papa (CLOULAS,2009, p.36).

A importância da família para o papa era de tamanho incalculável, segundo Volker (2013): Alexandre VI apostava numa política do “tudo ou nada”. E essa estratégia era de risco máximo, mas tinha sua própria racionalidade. Os Bórgias e a sua sorte: a crença na elegibilidade da família e a igualação dos seus interesses com os da igreja criaram e justificaram uma espiral de escândalos e violência. E falando em violência, é impossível não associar a César Bórgia, que era suspeito do assassinato do seu próprio irmão, João de Gândia em 1497. O que não seria difícil de duvidar mesmo, já que ele nunca quis ser cardeal, e sim, tomar o lugar do irmão frente ao exército papal, ingressando assim na carreira militar.

São muitos os que se recordam da inveja terrível de César para com o seu irmão, injustamente recompensado, quando o seu comportamento era dos mais deploráveis, tanto na guerra como na corte. Ao fazê-lo desaparecer, César podia, finalmente realizar aquilo que o estado cardinalício não lhe permitia: tornar-se príncipe e fundar

uma dinastia. [...] Aliás, a atitude do papa mostra que já se convenceu da culpabilidade de César: em 22 de julho, deixou abandonar Roma sem o receber e depois esperou três dias para ordenar que parassem as investigações para que não relacionassem com a partida do cardeal de Valência (CLOULAS,2009, p.78-79).

Muitos foram os rumores acerca da família Bórgia, de assassinatos ao incesto. Além da nítida corrupção, luxúria e orgias no vaticano. Na qual tanto Cloulas quanto Volker abordaram em seus livros. São muitas as evidências, o que inspirou vários autores a escrever romances sobre os Bórgias, peças, e recentemente criarem séries, e filmes. Johannes Burckard e seus escritos foi de total importância para o conhecimento do dia a dia da família Bórgia. Ele era mestre de cerimônias, e relatava todos os eventos do vaticano.

Esclarecidos documentos e correspondências, agora é a vez das testemunhas da época. O primeiro relator digno de menção apresenta as suas declarações por escrito da seguinte maneira: Escrito por Johannes Burckard, natural de Estanturgo, protonotário da Santa Sé, clérigo da capela papal e mestre de cerimônias de todos os eventos relacionados às cerimônias e a algumas outras além dessas (REINHARDT,2013,p.89).

Depois da morte do seu irmão João de Bórgia, César assumiu o seu lugar, deixando o cardinalato para trás, como sempre quis. Tudo o que envolvia a vida principesca de César, precisaria de somas abundantes de dinheiro. Cloulas, Volker, e Maquiavel, quando escrevem sobre esse momento da vida de César, falam dos vários métodos utilizados pelo Alexandre VI, pai dele, para arrecadar essas importantes somas.

São utilizadas pelo papado todas as formas de fazer aumentar a fortuna de César, como a especulação com os cereais e a venda por preços elevados dos benefícios eclesiásticos antes detidos pelo arcebispo de Valência, entregue a João de Bórgia Llançol, sobrinho do papa. No final deste período de intensas negociações financeiras, César pode contar com cerca de 200.000 ducados. A viagem a França anuncia-se sob os melhores auspícios (CLOULAS,2009, p.104-105).

César torna-se duque Valentino, em 1498, mas segundo Cloulas (2009), ele preferiu esperar o seu encontro com o soberano francês para que fosse entregue pelas próprias mãos dele. A relação do rei com os Bórgias, seguiria pelo pedido de anulação do seu casamento com Joana da França, o que o papa poderia conceder, para que ele pudesse casar com Ana da Bretanha. E, o

papa iria cobrar por esse consentimento com esforços para que César pudesse casar com alguém de influência. Cloulas (2009) fala dessas negociações, a primeira pretendente de César, era a filha mais nova do rei de Nápoles Carlota de Aragão, mas não deu certo: “Carlota cujo coração já pertence a outro homem, mal se digna dirigir os olhos ao novo duque de Valentinois.” Então partiriam para outra pretendente tão boa quanto.

Como gesto suplementar, o condado de valence passará a ducado para que César possa usufruir do mesmo título que os outros filhos de Alexandre, Lucrecia e Godofredo. Para além de uma força de 100 homens de armas, que passará a 300 quando Luís XII for a Itália, será concedida a César a ordem real de Saint-Michel e das mãos do soberano francês, durante a sua futura estada em Milão, receberá o condado de Asti. Último ponto: Alexandre receberá 4000 ducados por mês enquanto César permanecer junto do rei da França, soma que lhe permitirá remunerar os mercenários encarregados da sua proteção na ausência do filho (CLOULAS,2009, p.102).

Segundo Cloulas (2009), César Bórgia no círculo do soberano francês é um espetáculo grandioso, embora algo deslocado, por se tratar de um príncipe menos aos olhos dos grandes do reino. “Na quarta feira, 18 de dezembro de 1498, César é esperado à entrada da ponte de Chinon por Georges d’ Amboise.” Georges d’ Amboise foi um cardeal francês, e além dele outras figuras ilustres esperavam a chegada do filho do papa, além da população. Cloulas examina a equipagem de César, que é interminável:

Tudo nela é aparato: selins de machos ricamente ornamentados, muitos carros que transportam louça preciosa e mobiliário de valor, lacaios e pajens vestidos de veludo carmesim – os dois únicos que são exceção à regra, vestidos de tecido de ouro, são logo apontados pelos espíritos trocistas como queridinhos do duque –, aristocratas romanos vestidos de ouro e de prata, etc. Acompanhado por Georges d’ Ambroise, César fecha o cortejo. Com jóias, bordados, pérolas e tecidos preciosos, a sua indumentária desperta a admiração de todas as testemunhas que se concentram no percurso em direção ao castelo real (CLOULAS,2009, p.110).

Na França, o rei Luís XII, tem de cumprir o acordo feito com Alexandre VI, no qual seria proporcionar César a um casamento principesco, e a pretendente é Charlotte d’ Albret. Segundo Cloulas (2009) em 12 de maio de 1499, César casa com Charlotte. Alexandre VI festeja a aliança, e mostra que passou para o lado francês. Burckhard (2009) relata que na quinta-feira à noite do dia 23 de maio, por ordem de Sua Santidade, foram alumeados muitos fogos em sinal de

alegria na Cidade, ou seja, em frente da residência dos cardeais Orsini, de Saint-Denis e de Gurk, diante da residência da filha do papa e da residência de muitos espanhóis.

César estava à caminho a primeira campanha na Romanha, sob as somas arrecadadas pelo seu pai, daria início a vasta campanha de restauração do poder pontifício na Romanha, e onde o poder a Igreja cresceu incontrolavelmente no período. Usando das palavras de Cloulas (2009):

Por esse lado, o rei Luís XII, tendo em conta o tratado de aliança celebrado com os Bórgias, autorizou dois dos seus chefes de guerra, Yves d'Alègre e o Bailio de Dijon, Antoine de Baissey, a colocarem-se à disposição de César, são quase 16 000 combatentes a dirigir-se para a Romanha. O exército concentra-se junto às muralhas de Bolonha, onde César é acolhido pelo senhor Bentivoglio. Após o habitual banquete, o duque de Valentinois agradece ao velho senhor, presenteando-o com uma montada e uma armadura (CLOULAS,2009, p.122).

Cloulas (2009) nos mostra que o primeiro objetivo de César foi Ímola, que era defendida pela viúva de João de Médici, Catarina Sforza, uma mulher viril, corajosa, combativa. Ela era conhecida pela sua crueldade. Catarina vivia na fortaleza de Forlì, e não quer ouvir da queda de suas praças sem dar combate. É o que vai acontecer, um combate direto entre os Bórgias e Catarina, que não foi fácil, mas César sai vitorioso e mostra assim a força que tinha para carreira militar. Cloulas ainda nos informa sobre as negociações depois da queda de Catarina, que é mantida "em depósito" por César, e que será conduzida a Roma:

O resumo da situação será dado por Maquiavel: "Os Suíços e o duque disputaram a Senhora. Foi vendida ao Valentino." Uma vez mais, César mostra que pode ser coagido quando se encontra em situação de fraqueza. Quando os mercenários exigem mais dinheiro para continuar a campanha, César também acede aos seus desejos, mas com a promessa de só lhes pagar em Cesena, porque é necessário continuar a expedição custe o que custar. Após ter designado o seu familiar Ramiro de Lorca para vice-governador de Forlì, César retoma a campanha. Em 23 de Janeiro, a saída da cidade é feita de forma triunfal. Catarina, toda vestida de negro, é ladeada pelo capitão francês d'Alègre e por César (CLOULAS,2009, p.125).

O Valentino agora estava se preparando para o cerco a Pesaro, a cidade de Giovanni Sforza, ex-marido da sua irmã Lucrecia. Segundo Cloulas (2009),

“César após ter imposto o seu domínio nas senhorias que acaba de se apoderar, pretende continuar a sua expedição.” Porém, teve que parar, teria que levantar mais fundos, então volta a Roma, onde os preparativos pelo Ano Santo decorrem rapidamente. Cloulas (2009) relata: “Durante este ano rico em celebrações, 200 000 fiéis vão pisar as calçadas da Cidade Eterna, sem temerem a peste que aqui chega em todos os verões.” O ano foi lucrativo para Santa Igreja, o que seria a melhor maneira de César voltar as suas expedições.

César Bórgia para guardar a recordação exaltante deste triunfo, adopta por divisa “Aut Caesar, aut nihil” (“César ou nada”). As suas armas, onde o touro Bórgia sobre fundo de ouro está acima das três listras em azul sobre campo de ouro dos Oms (ou Doms), contêm agora as flores-de-lis de França. O sinete de César reproduz este escudo, sendo encimado por uma coroa condal que tem de ambos os lados essa mesma coroa com cinco espadas viradas para baixo. A toda volta estende-se a inscrição “Caes, Borgie. DeFrancie. Ducis. Valentini.” (CLOULAS,2009, p.130-131).

Cloulas (2009) nos diz que foi em março de 1500 que Alexandre VI proclamou César como capitão-general e ganfaloneiro da Igreja, entregando o bastão de comando, e os dois estandartes, ou pendões, um com as armas de César, outro com as armas da Igreja, que lhe vão conferir a autoridade necessária para impor o destino da Santa Sé aos Estados vassallos rebeldes. O papa então veste o filho com o manto, e logo depois César presta juramento, Burckard presenciou e notificou, e Cloulas expõem no seu livro:

“Eu, César Bórgia de França, duque de Valentinois, ganfaloneiro, porta-estandarte, isto é, capitão-general da Santa Igreja romana, ficarei a partir de hoje fielmente submetido a S. Pedro, à Santa Igreja romana, a vós, meu senhor muito santo, papa Alexandre VI, e aos vossos sucessores canônicos. Jamais terei a intenção, ou alimentarei o projecto, ou levarei a cabo a perda da vossa vida ou de um vosso membro, de me apoderar maldosamente a mão sobre vossos mencionados sucessores, independente do que façam contra mim, quaisquer que sejam as injúrias que sejam espalhadas contra mim e seja sob que pretexto que for. Não revelarei a ninguém os projectos que me confiardes ou que vossos sucessores me confiarem [...]” (CLOULAS,2009, p.133).

César aliado ao rei francês para tomar Nápoles, no qual os aragoneses não seriam mais úteis para os Bórgias, então ele manda assassinar o marido da sua irmã, Lucrecia Bórgia. Burckard notificou tudo. Michelotto Correla, o guerreiro valente e fiel a César, que o acompanhou por toda sua carreira, estrangula friamente Alfonso de Aragão. “Cerca da primeira hora da noite”,

escreve Burckhard (2009), “o seu cadáver foi transportado para S. Pedro e depositado na capela de Santa Maria delle Febbri. [...]” Lucrecia amava sinceramente o seu marido, segundo Cloulas (2009), e até tentou contestar, mas de nada adiantou, já que o casamento só servia de aliança política, e ela, como objeto.

Logo depois do ocorrido, César começa a organizar sua segunda campanha pela Romanha, conquistar toda a Romanha e dela fazer um principado era sua principal ambição. Além de todos os fundos dele, e do seu pai, o rei francês disponibilizaria uma quantidade importante de combatentes, armas, o apoio suficiente.

Tendo sido reunidos os últimos fundos necessários ao financiamento da expedição guerreira, a tropa, às ordens dos seus condottieri, pode começar a movimentar-se nos últimos dias de Setembro de 1500. [...] Nesta matéria César conhece o secretário florentino Nicolau Maquiavel como seu mestre. Este, que foi várias vezes testemunha dos actos do duque, relata-os com admiração no seu tratado intitulado O Príncipe (1513) (CLOULAS,2009, p.141-142).

Cloulas (2009) nos mostra que a medida que o poder de César aumenta, há celebridades que juntam-se a ele. Diversos artistas, poetas, pintores, entre outros. Dois que se destacaram e César esperava levá-los para Romanha: Pinturicchio e Leonardo da Vinci. Leonardo tornou-se prisioneiro de César, “oferecendo” assim os seus serviços ao Valentino.

Forlì, Ímola, Faenza, a ambição de César não tinha limite. E em 1502, a Romanha estava em seu poder. Cloulas questiona-se: “Agora que a Romanha está em seu poder, porque não pretender conquistar os Estados vizinhos, que são Florença e Bolonha? Há apenas um homem que o impede: Luís XII.” O papa tem necessidade de mais fundos para financiar as expedições de César, e para dar um dote à sua Lucrecia. Agora ela casaria com Ferrara, mais precisamente o filho mais velho do duque de Ferrara Alfonso D’ Este. Conquistas, casamentos, alianças, fortuna, em 1502, tudo parece sorrir para os Bórgias.

Depois ainda de muitas disputas por territórios, como as conquistas de Cesena, Rímini, Pesaro, Fano e Sinigaglia, Cloulas nos mostra como César em 1503 sentia-se o senhor do mundo, como sempre desejou. O fim do sonho, como nos relata Cloulas, Maquiavel, Volker, e entre outros autores que falaram

sobre a política no renascimento, mostra-nos que em 18 de agosto de 1503, morre o papa Alexandre VI, de uma febre que não lhe abandonava, a peste o contaminara. Burckard notifica:

“À hora das vésperas, foi dada a extrema-unção ao papa pelo bispo de Cerignola. Morreu apenas na presença do bispo, do datário e do palafrenero papal.” Rodrigo Bórgia, que se tornou Alexandre VI, acaba de se juntar ao criador, que tão mal serviu em 11 anos de pontificado. Tinha 72 anos (CLOULAS,2009, p.196).

Como disse Maquiavel no seu “*O príncipe*” César foi pego de surpresa, pois quando o pai morreu, ele também estava em más condições de saúde, e com a morte do pai, mesmo estando doente, teria que agir rapidamente para se apoderar do tesouro que ainda se tinha. Antes da vacatura da Santa Sé, o seu fiel Corella, de punhal na mão ameaça cortar a garganta do cardeal Casanova se não lhe entregasse as chaves da sala onde se encontrava as riquezas. Burckhard (2009) aterrorizado com a situação, diz-nos: o cardeal entregou as chaves. “Os homens entraram então um após o outro no local situado por trás do quarto do papa, apoderaram-se de toda a argenteria que encontraram e de duas caixas que continham cerca de [100] mil ducados.”

César mantinha-se como capitão-general da Igreja, e seria o único que poderia estabelecer a ordem nessa Roma que se agita para eleger um novo papa. E como o próprio Maquiavel relata no seu “*O Príncipe*”, ele confiou nas promessas do antigo inimigo da sua família, Della Rovere, que conquistaria o trono de São Pedro com o nome de Júlio II. Cloulas (2009) também afirma que ele foi enganado pelas promessas de Della Rovere, que confiando nos compromissos com ele, em 3 de dezembro César apresenta-se ao palácio pontifical, onde o novo papa coloca seu plano em ação.

Aí o novo papa, põe a sua disposição uma suite de nove divisões, mesmo sobre a sala de audiências. Júlio deixa correr o boato de que fala todos os dias com o duque para preparar uma aliança: desejavam casar Luísa, a filha de César, com Francesco Maria della Rovere, senhor de sinigaglia e sobrinho do papa (CLOULAS, 2009, p.205).

César recupera a sua saúde ao lado do papa Júlio II, já pensando em sua futura campanha. Cloulas (2009) coloca que Maquiavel avisou de sua desconfiança das intenções do papa para com César Bórgia, mas ele estava

mais preocupado em preparar sua nova campanha, e dinheiro não lhe faltava. Cloulas ainda nos diz que: “O papa pretende tranquilizar ao explicar a Maquiavel que o que lhe importa é eliminar os venezianos das praças de que se apoderaram.”

Na verdade, Júlio II não tem intenção de honrar as promessas feitas a César. O papa está friamente decidido a pôr termos as actividades do descendente de Alexandre, após o Valentino ter restaurado a autoridade da Santa Sé na Romanha (CLOULAS,2009, p.207).

O papa preparou uma armadilha para César, relata-nos Cloulas (2009). César deixa Roma e quando chega Óstia, em 22 de novembro, perante a recusa de César, o capitão da frota pontifícia, prende-o. A vingança de Júlio II, é total, conclui Cloulas. E logo depois, César é informado que o papa já nomeou outro governador da Romanha que ele conquistou. Neste momento, César é levado a residência vigiada, e ele não possui mais nenhum bem, todos foram confiscados pela Santa Sé. Apenas em janeiro de 1504, César é libertado, com a ajuda dos reis católicos, e César é liberto na promessa de nunca mais pegar em armas contra o papa, relata-nos Cloulas (2009). Em 1505, o rei da França, seu antigo aliado, também o abandona, César encontrava-se sem saída, então fugiu da torre em que estava preso em Chinchilla (Espanha). Ele não queria mais ficar à mercê do soberano espanhol, fugindo para Navarra que também é na Espanha.

Mal chega à corte do cunhado, César, já refeito da fuga de Castela, apressa-se a prevenir os familiares e os amigos que permanecem fiéis estes últimos meses: a sua irmã Lucrecia e o marido, Alfonso de Este, a sua mulher Charlotte – mantida informada até pelo seu irmão, o rei de Navarra –, e também seu parente e amigo Francisco de Gonzaga, marquês de Mântua (CLOULAS,2009, p.221).

Segundo Cloulas (2009), César ainda tinha esperanças de voltar a erguer-se, porém não aconteceu como ele idealizava. Morreu quando tentava contestar ao lado de João de Navarra, montando um cerco para recuperar a fortaleza de Viana. Beaumont observa os movimentos dos Navarrianos, para atacá-los de surpresa. 20 cavaleiros se dirigiam a César, que pegou suas armas, e veste apressadamente sua armadura, começa uma luta terrível, e que não deu boa para o Valentino. Os cavaleiros que o mataram, não se deram conta de quem se tratava logo de início, nos mostra Cloulas.

Os homens não poderão cumprir sua missão, porque os Navarrianos acabam já de encontrar o corpo sem vida do Valentino. Batendo em retirada, os homens de Beaumont capturam um escudeiro que erra pela planície. O jovem parece desamparado, pois o campo de batalha perdeu a vista do seu senhor e não sabe o que lhe aconteceu. Quando lhe mostram a armadura, Joãoico compreende que se realizaram os seus piores temores (CLOULAS,2009, p.225).

O corpo era de César, relata-nos Cloulas, o filho do papa, duque Valentino e da Romanha, que já foi aliado de um dos maiores deste mundo, acaba de morrer. A quantidade de feridas no corpo de César era a prova da energia posta na luta sustentada naquele lugar, como disserta Cloulas (2009): “César morreu como um héroi.” Lucrécia, sua irmã, tentou o possível para ajudá-lo enquanto tinha vida, mesmo não tendo muito dinheiro para tal, como nos informa Cloulas. Lucrécia manteve assim os testemunhos da grandeza da sua família: ela, seus filhos, a filha de César, e sua mãe. O seu irmão Godofredo não deixou nenhuma recordação especial, apenas o seu segundo casamento com outra princesa de Aragão: Maria de Mila.

Maquiavel considerou César um grande príncipe, no qual deixa os escritos de “*O Príncipe*” como prova de sua admiração pelo Valentino, e diz que não condenaria os atos de César, que ele não teria feito diferente. O que acontece, é que a sorte o abandonou em uma hora importante, o que foi uma das causas de sua ruína.

César não tem qualquer dúvida de que um diplomata o vai tornar imortal: Maquiavel. A vida do filho ambicioso de Alexandre, em que tudo é astúcia, cálculo, diplomacia e brutalidade ou temperança, de acordo com as circunstâncias, servirá de modelo a *O Príncipe*, cujo autor confessará humildemente que não encontrou melhor figura para ilustrar os seus propósitos. De facto, os exemplos não faltaram a Nicolau Maquiavel, como o caso do assassino que foi capturado e executado, embora tivesse encontrado asilo numa igreja com a ajuda da população. Os habitantes, julgados como cúmplices pelo representante de César, ficam sujeitos a uma taxa, mas apelaram para o seu duque. Embora aprovando a conduta do seu lugar-tenente, César, “maquiavélico”, anulou a multa para ter consigo a população, que ficou também de sobreaviso contra qualquer tentativa de desvio. César, como príncipe prudente, faz deste modo reinar o direito e a concórdia na Romanha (CLOULAS,2009, p.169-170).

“O príncipe” de Maquiavel como já mencionado antes, vai abordar os principados, a vida política da Itália, e a leitura de Maquiavel de como os príncipes deveriam se comportar. Maquiavel sintetiza o seu pensamento político, e é sem dúvidas uma das obras principais para o melhor direcionamento dessa pesquisa, principalmente por todas as vezes que César Bórgia é citado, e a maneira de como ele é citado, intensificando a relação política entre ambos.

4. SOBRE OS PRINCIPADOS

Em “*O príncipe*” (2010), Maquiavel explica sobre os tipos de Estado: República e Principado, que é o principal objetivo para entender a política na Itália do século XVI, e no caso deste trabalho, especificamente os principados. Ele explica que os principados são hereditários ou novos, e os hereditários são aqueles que o senhor domina a um longo tempo, sem dificuldade em conservar. Já os novos, são membros incorporados ao Estado hereditário por uma conquista. E em cada tipo de principado, ele dá o exemplo de uma figura, por exemplo: Dos principados hereditários ele cita Francesco Sforza, senhor de Milão. Já no novos, tem o domínio de Nápoles o rei da Espanha. Assim sendo, eles são conquistados ou por armas próprias ou por armas alheias, ou pela fortuna, ou pela virtude.

Digo, pois, que nos Estados herdados e sujeitos ao sangue de seus príncipes as dificuldades em mantê-los são bem menores que nos Estados novos, porque basta não preferir a ordem sucessória da estirpe e contemporizar com os imprevistos, de modo que, se tal príncipe for dotada de engenho mediano, sempre se manterá no poder, a menos que uma força desmedida e excessiva o prive dele; e, uma vez privado de seu Estado, ao primeiro revés sofrido pelo usurpador, logo o reconquistará (MAQUIAVEL,2010,p.48).

Já dos principados mistos, o que não é novo e nem hereditário. Maquiavel resume esse principado analisando que ter forças suficientes, tanto para conquistar, como para conservar é a chave. A razão da política do príncipe é a aplicação dessas forças, ou seja, a força da guerra. A exemplo do reino de Dario que foi ocupado por Alexandre, Maquiavel disse que o príncipe que governa com seus súditos, eles ajudaram a governar como delegados, e já os que governam por antiguidade de sangue mantêm o título exatamente por isso. Os Estados que tinham suas próprias leis e foram conquistados, são administrados de modo que:

Quando conquistados conforme se disse, tais Estados estão afeitos a viver sob suas próprias leis e em liberdade, há que se respeitar três regras caso se queira mantê-los: a primeira, arruiná-los, a segunda, ir habitá-los pessoalmente; a terceira, deixá-los viver sob suas leis, mas auferindo tributos e criando ali dentro um governo oligárquico, que os mantenha fiéis – pois, tendo sido criados por esses príncipes, tais governos sabem que não poderão prescindir de sua amizade e força e farão de tudo para preservá-lo; e mais facilmente se domina uma cidade acostumada a viver livre por meio de seus cidadãos que por qualquer outro meio, caso se queira preservá-la (MAQUIAVEL, 2010,p.60).

O autor diz que todo principado antigo, novo ou misto deve ter boas leis e boas armas, entretanto não pode haver boas leis onde não há boas armas. É importante notar que boas armas são apenas as tropas nacionais, pois as mercenárias somente usam as riquezas do príncipe nos tempos de paz e abandonam durante a guerra. Nos principados novos que são conquistados por virtude e armas próprias, Maquiavel explica que príncipes que conquistam por sua virtude, conseguem com sacrifício, porém, conseguem manter o principado com facilidade. Maquiavel dá muito exemplos, entre eles, dos profetas armados e desarmados, citando o profeta desarmado de sua época Frei Girolamo Savonarola que quando a multidão parou de segui-lo, não tendo mais nenhum apoio foi então sua ruína.

Portanto se quisermos abordar corretamente esse ponto, será necessário examinar se os que querem introduzir mudanças dispõem de autonomia ou dependem de outros, isto é, se precisam de favores para empreender suas ações ou se podem valer-se apenas de sua força. No primeiro caso, sempre acabam mal e não alcançam nada; porém, quando dependem exclusivamente de si e de sua força, é raro que fracassem - e é por isso que os profetas desarmados se arruinam (MAQUIAVEL,2010,p.64).

Sobre os principados novos que são conquistados por armas alheias e pela fortuna, Maquiavel esclarece que os homens privados qual passam a príncipe pela fortuna, com pouco esforço conseguem conquistar, mas a muito custo alcançam seu principado. Devido não encontrarem muitas barreiras no caminho, no entanto depois de tomar posse todos os obstáculos nascem sem cessar. Estes são baseados na decisão e na fortuna de quem os beneficiava. A principal virtude que o príncipe deveria ter para preservar tudo que conquistasse, segundo Maquiavel:

Ademais, os Estados que surgem subitamente - como tudo o que nasce e cresce depressa na natureza – Não são capazes de lançar

raízes profundas e desenvolvidas, de modo que a primeira tormenta pode abatê-los, a menos que, como já foi dito esses que se tornaram príncipes de repente tenham tanta virtude a ponto de saber preservar com presteza o que a fortuna lhes pós no colo, construindo alicerces que outros erigiram antes de se tornarem príncipes (MAQUIAVEL, 2010,p.66).

Dentre os exemplos que ele dá, Francesco Sforza, era um homem de grande virtude, segundo Maquiavel, (significa que ele tinha ampla habilidade para manter seu poder, muitas estratégias) de homem comum tornou-se duque de Milão, aquilo que com mil aflições ele conseguiu conquistar, com pouco esforço o manteve. E o mais mencionado no capítulo, César Bórgia, duque Valentino, Maquiavel o destaca como exemplo pelos que graças à fortuna (do seu pai, o então papa Alexandre VI), conquistou o poder, e com ela mesma a perdeu. Maquiavel reservou em sua obra um longo comentário sobre as ações e vida de César Bórgia, o que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. De fato, César perdeu seu Estado, mas segundo Maquiavel depois de recolher as ações do duque, ele não saberia em que censurá-lo, e pelo contrário, o justo é apresentá-lo como exemplo a todos aqueles que ascenderam o poder por fortuna e armas alheias.

Quem, pois, julgar necessário em seu principado novo assegurar-se contra os inimigos e fazer novas amizades, vencer pela força ou pela fraude, fazer-se amar ou temer pelo povo, ser seguido e reverenciado pelos soldados, aniquilar os que possam ou devam prejudicá-lo, inovar com novos modos as regras antigas, ser severo e benevolente, magnânimo e liberal, extirpar reis e príncipes de modo que o favoreçam com sua graça ou o ataquem com respeito não encontrará exemplo mais válido que o procedimento desse homem (MAQUIAVEL,2010,p.71-72).

Jacob Burckhardt (2009), mencionou a admiração de Maquiavel por César Bórgia, em seu ensaio “A cultura do renascimento na Itália”, no qual tal simpatia está relacionada ao modelo de príncipe perfeito. Como já foi mencionado antes, impressiona o conceito de moral para Maquiavel, o que não seria difícil assim imaginar que César Bórgia em sua concepção seria o príncipe perfeito.

A não ser que estejamos redondamente enganados, essa é a razão fundamental da simpatia de que Maquiavel dispensa a esse grande criminoso: de César e de ninguém mais cabia-lhe esperar que “retirasse o ferro da ferida” – isto é, que aniquilasse o papado, a fonte de intervenções e de toda a fragmentação da Itália. Ao que parece, os intrigantes que, acreditando adivinhar-lhe os desígnios, acenaram a César com o reinado da Toscana, foram por ele repelidos com desdém (BURCKHARDT,2009,p.133).

Depois de citar César Bórgia, Maquiavel discorre sobre os príncipes que alcançam o principado pelos atos criminosos, onde cita o Agátocles da Sicília, no qual pela violência conseguiu sem depender de outros, deliberar assuntos relativos à República. E depois de eliminar todos os homens ricos, ocupou a cidade sem nenhuma disputa civil, foi assim que Maquiavel o colocou, pela carreira militar, e com mil dificuldades e perigos, chegou ao principado, se mantendo através de suas ideias audaciosas e arriscadas. Outro exemplo foi o Oliverotto que segundo Maquiavel chefou um massacre, saiu pela cidade com suas tropas, onde assassinou todos os que poderiam afetá-lo, e assim tornou-se príncipe.

Depois do massacre, Oliverotto montou no cavalo, varreu com todas as suas tropas a cidade e assediou o supremo magistrado em seu palácio, por meio do terror, impôs a obediência de todos e a formação de um novo governo, do qual se fez príncipe, e, assassinados todos os que, descontentes, poderiam prejudicá-lo mais tarde, fortaleceu-se com novas normas civis e militares, de tal modo que, após um ano de principado, ele só estava seguro na cidade de Fermo, mas também se tornara temível a todos seus vizinhos. E teria sido difícil destituí-lo do poder - como a Agátocles- , se não houvesse deixado enganar por César Bórgia quando, como já foi dito, este capturou em Sinigaglia os Orsini e os Vitelli, preso também naquela ocasião, um ano após ter cometido o parricídio, foi estrangulado junto com Vitellozzo, que fora seu mestre em virtude e crueldades (MAQUIAVEL,2010,p.75-76).

Já no principado civil, Maquiavel disserta sobre os cidadãos comuns que se tornaram príncipes pelo favor de seus concidadãos, e que para conseguir precisa ser de uma astúcia afortunada. Quando torna-se príncipe com a ajuda dos poderosos, é mais difícil se manter no poder do que quando consegue pelo apoio da população. Maquiavel (2010) afirma claramente: “Apenas para concluir, direi que um príncipe precisa ter o povo a seu lado, do contrário não terá apoio nas adversidades.” Ele também disserta que não é muito difícil conquistar a confiança do povo, ou seja, para o príncipe que chegou ao poder com ajuda dos poderosos, bastava proteger seu povo para ganhar a sua simpatia.

Depois de examinar os modelos de principados, um capítulo do príncipe de Maquiavel foi dedicado apenas a “De que modo se deve avaliar um principado”, e nele são esclarecidas como defender sozinho seu Estado, sem precisar de forças dos outros.

Ao examinar as modalidades desses principados, convém fazer mais uma distinção, qual seja: se o príncipe de um Estado muito poderoso seria capaz, caso necessário, de sustentar-se por si mesmo ou se sempre precisará de proteção de outrem. Para esclarecer melhor esse ponto, digo que, a meu juízo, os primeiros conseguem reger autonomamente porque, com abundância de armas ou de riquezas, podem reunir um bom exército e dar combate a qualquer um que venha a atacá-los. Do mesmo modo, julgo que os segundos sempre necessitarão de outrem por não poderem comparecer diante do inimigo num campo de batalha, devendo refugiar-se dentro de suas muralhas e defendê-las (MAQUIAVEL,2010,p.81).

Dos principados eclesiásticos, Maquiavel cita Alexandre VI, pai de César Bórgia, no qual são conquistados com dificuldade, antes da posse, e para obter tal poder poderia ser tanto pela virtude quanto pela fortuna, uma ou outra manteria o principado. Porque eram sustentados pela fé, e antigas leis da religião, podendo assim manter-se facilmente, não importando o modo que se comportasse. Maquiavel diz que são os únicos principados que são seguros e felizes, sendo atribuído ao poder de Deus, já que o papa é o representante de Deus na terra.

Não obstante, se alguém me indagasse por que a igreja chegou a tamanho poder temporal, haja vista que antes de Alexandre VI os potentados italianos - e não só estes, mas também qualquer barão ou senhor irrelevante - pouco lhe davam importância nesse campo, sendo que agora o rei da França treme diante dela, que foi capaz de expulsá-lo da Itália e de aniquilar os venezianos, eu diria que, apesar de tudo isso ser bem conhecido, não me parece supérfluo repassar seus pontos cardeais (MAQUIAVEL,2010,p.83-84).

Maquiavel (2010) afirma que Alexandre VI, mostrou como um pontífice pode impor-se com dinheiro e armamento e fez por meio do seu filho César Bórgia, o duque Valentino. A intenção era fortalecer sua família, mas assim também conquistou poder para a Igreja. E depois de sua morte, o papa seguinte herdou todos os seus esforços, o papa Júlio II, inimigo pessoal do Rodrigo Bórgia, o próprio papa Alexandre VI. No qual recebeu a igreja fortíssima e usou do seu poder para conquistar e fortalecer ainda mais a Igreja, o que serviu também para expulsar os franceses da Itália.

Os tipos de exércitos e de milícias mercenárias também foram explorados por Maquiavel, que seriam os métodos usados para ofender, e também para defender de cada principado. Onde ele centra nas armas mercenárias e armas auxiliares, ou até uma mistura de ambas. As mercenárias e auxiliares são dispensáveis, e se alguém guiar seu Estado nesse tipo de armas, jamais estará

seguro o suficiente, são exércitos infiéis, o que quanto mais adiasse a batalha, mais a derrota estava próxima. Diante disso, Maquiavel afirma:

Por experiência, vê-se que somente os príncipes e as repúblicas que dispõem de seus exércitos fazem enormes progressos; já as forças mercenárias só trazem danos; de resto, uma república que tenha armas próprias submeterá com mais dificuldade a um de seus cidadãos que outra, depende de armas estrangeiras (MAQUIAVEL,2010,p.87).

De milícias auxiliares, mistas e próprias, Maquiavel citou mais uma vez César Bórgia. Que usou dos três tipos de milícias para manter seu domínio na Itália, podendo assim perceber a diferença que há entre os três tipos.

Eu não hesitaria em citar aqui o exemplo de César Bórgia, e de suas ações. O duque entrou na Romanha com armas auxiliares, toda composta por franceses, e com elas tomou Ímola e Forlì; todavia, não lhe parecendo confiáveis tais armas, recorreu as mercenárias por julgá-las menos perigosas e contratou os Orsini e os Vitelli; mais tarde percebendo que estas também eram ambíguas, infiéis e perigosas, aniquilou-as e concentrou-se em suas próprias armas (MAQUIAVEL, 2010,p.92).

Maquiavel (2010) ainda conclui, explicando que nenhum principado se mantém seguro se não tiver suas próprias armas, assim estará totalmente dependente da fortuna, não conseguindo virtude que a defenda. As armas próprias são todas de súditos ou de vassallos, inteiramente diferente das outras, esses estarão dispostos a morrer com prazer pelo seu senhor. Maquiavel ainda aconselha sobre como o príncipe deve proceder acerca das milícias, garantindo que um príncipe deve guerrear, com sua condição e seu preceito, pois é a forma de manter o poder, e é por virtude dela que mantem os que já nasceram príncipes, e aos que chegam com fortuna pessoal. Os príncipes que se preocupam mais com gentilezas do que com armas, perdem seu Estado, do mesmo jeito que as vitórias estão ligadas a arte da guerra.

Por estar bem armado, Francesco Sforza, passou de homem comum a duque de Milão, já seus descendentes, por se esquivarem às dificuldades das armas, passaram de duques a homens comuns. Pois entre outros motivos que podem levar a derrota, estar desarmado torna o príncipe desprezível, e esta é uma das infâmias que um soberano precisa evitar a todo custo como se verá em seguida. De fato, entre o armado e o desarmado não há nenhuma proporção, e não é razoável que quem esteja armado obedeça de bom grado ao desarmado, ou que alguém desarmado esteja seguro entre servidores armados, uma vez que havendo desdém em uns e

suspeitas em outros, não é possível que juntos trabalhem bem. Assim, um príncipe que não entende as milícias, além de padecer de outras infelicidades - como já se disse - não pode ser estimado por seus soldados nem confiar neles (MAQUIAVEL,2010,p.95).

4.1 Sobre o comportamento dos príncipes

Segundo Maquiavel (2010) qualquer príncipe deve ler livros de História, e se inspirar nas ações de homens ilustres, ver como eles agiam nas disputas, e analisar as vitórias e derrotas, tentando assim evitar umas e imitar outras. O governante de um Estado deve seguir exemplos e jamais descansar nos tempos de paz, mas sim usá-los deles para operar bem quando a fortuna mudar, e conseguir resistir as adversidades.

Das coisas pelas quais os homens, sobretudo os príncipes são louvados ou vituperados, Maquiavel analisou as maneiras e as atitudes com relação aos súditos e aos amigos. A primeira ação que ele alerta, é sobre o homem que quiser ser bom em todos os pontos, terminará na ruína, então é aconselhável não ser bom e usar disso quando necessário. Uns príncipes são considerados generosos, outros cruéis, piedosos, desleais, e assim por diante. Os homens são julgados por suas ações, o que pode acarretar condenação, ou exaltação, e é por isso que:

Sei que todos dirão que seria louvabilíssimo um príncipe ter as melhores qualidades dentre as inúmeras enumeradas acima. Contudo, como a condição humana não consente que se tenham todas elas, nem que possam ser inteiramente observadas, é necessário ser prudente a fim de escapar à infâmia daqueles vícios que põem em risco o governo; e, se possível, devem-se evitar também aqueles que não comprometem o governo; mas, se forem inevitáveis que passem sem grandes preocupações. Tampouco se preocupe em incorrer na infâmia de tais vícios, sem os quais dificilmente se pode salvar o governo; pois, se bem observado, caso o príncipe siga o que lhe parecer uma virtude, causará sua própria ruína, mas se seguir o que lhe parecer um vício, terá maior segurança e bem-estar (MAQUIAVEL,2010,p.98).

Maquiavel aconselha aquele que já é príncipe, que a liberalidade é prejudicial, já para os que ainda se tornarão príncipes, é ideal que seja visto como liberal. E da parcimônia alerta aos príncipes para não gastar todos os seus recursos, para conseguir defender-se de quem fosse enfrentar sem dificuldades financeiras. E como exemplo, Maquiavel usa o César Bórgia novamente:

E, se alguém me disser que César ascender ao império valendo-se da liberalidade e que muitos outros, por terem sido ou serem considerados liberais, chegaram a postos elevadíssimos, respondo que príncipe se nasce ou se busca ser. No primeiro caso, a liberalidade é prejudicial. No segundo, é de fato necessário ser e ser tido por liberal, e César era um dos que queriam ascender ao principado de Roma; porém, se depois de tê-lo alcançado e mantido ele não houvesse reduzido seus gastos, teria destruído seu império (MAQUIAVEL, 2010,p.100).

Sobre crueldade e piedade, e sobre ser amado ou temido, Maquiavel alerta o desejo de ser piedoso do príncipe, porque ele precisa ser visto como piedoso e não como cruel, porém, deve saber como usar dessa piedade para não servi-se dela e como consequência perder o seu principado. Todo príncipe desejaria ser as duas coisas, porém, segundo Maquiavel é muito mais seguro ser temido do que amado. César Bórgia foi citado, por sua crueldade:

César Bórgia era considerado cruel; no entanto, sua crueldade recuperou, uniu e pacificou a Romanha. Assim, a um exame mais detido, ver-se-à que ele foi bem mais piedoso que o povo florentino, que, a fim de evitar a fama de cruel se quiser manter seus súditos unidos e fiéis, pois com pouquíssimos atos exemplares ele se mostrará mais piedoso que aqueles que, por excesso de piedade, permitiram uma série de desordens seguidas de assassinios e de roubos: estes costumam prejudicar a todos, ao passo que aqueles, ordenados pelo príncipe, só atingem pessoas isolada (MAQUIAVEL,2010,p.101).

E sobre como um príncipe deve honrar sua palavra, Maquiavel afirma que o importante para um príncipe é a aparência que passa para os seus súditos, muitas vezes sendo o contrário do que pensa o povo, mas conseguindo esconder é o essencial. Ou seja, a sinceridade não era a característica principal nessa questão, a política é ilusória. Já os combates aconteciam através das leis, ou pela força. E o príncipe deve ser raposa e leão, e saber também quando usar cada uma, para o bem do seu Estado. Maquiavel disse que o leão não pode defender-se de armadilhas, e a raposa é indefesa diante dos lobos, é preciso então ser raposa para conhecer as armadilhas, e ser leão para espantar os lobos. Como exemplo de natureza dissimulada, ele cita Alexandre VI, pai de César Bórgia.

Não quero omitir um dos exemplos recentes. Alexandre VI nunca fez, nunca pensou em outra coisa senão em enganar os homens, encontrando sempre os meios de poder fazê-lo; e jamais houve homem com maior talento para asseverar algo, reforçando com infundáveis juramentos, e em seguida descumpri-lo; entretanto seus

enganados sempre se seguiram ad votum,* pois ele bem conhecia esse aspecto de mundo (MAQUIAVEL,2010,p.105-106).

Sobre como escapar ao desprezo e ao ódio, segundo Maquiavel (2010) para a solução é preciso que o príncipe consiga não aborrecer os grandes e agradar aos seus súditos. É preciso manter-se sempre seguro diante dos perigos que viriam ou dos súditos, ou dos estrangeiros, o que se conseguiria com boas armas, e bons amigos. Maquiavel especifica que o cuidado nessa questão é sempre pouco, quanto aos súditos, e as forças estrangeiras não se moverem, é preciso temer que estejam conspirando secretamente. E é nesse ponto que ele disserta sobre a importância de enfrentar as dificuldades com o povo ao seu lado:

Concluo, pois, que um príncipe não deve temer as conjuras quando tiver o povo a seu favor; porém, caso a população odeie e seja sua inimiga, haverá motivos para temer tudo e todos. Por isso os Estados bem administrados e os príncipes sábios sempre dedicaram a máxima diligência em não descontentar os poderosos, satisfazer o povo e mantê-lo contente - porque esta é uma das ocupações mais importantes de um príncipe (MAQUIAVEL,2010,p.110).

Os príncipes novos, segundo Maquiavel deve armar seus súditos, o que colocará que o príncipe tem confiança, eles assim se tornam leais e os que já eram leais matem sua lealdade. Já os príncipes que conseguem aliar seu Estado a outro, deve desarmá-los para sua segurança, confiando apenas nos soldados que já lhe eram fiéis no antigo Estado. Sobre as edificações, se o príncipe teme seus súditos, deve construir, se não, pode abster-se. A exemplo de edificações, Maquiavel (2010) cita a condessa de Forlì, que depois da morte do marido Girolamo, no qual era odiado, conseguiu graças à fortaleza, manter seu poder escapando assim da fúria popular. Caiu apenas no cerco liderado por César Bórgia, a sua fortaleza, Maquiavel aborda:

Depois disso, de pouco lhe valeram tais edificações, uma vez que César Bórgia a atacou e o povo, seu inimigo, se aliou ao forasteiro. Portanto, naquela oportunidade e mesmo antes teria sido mais seguro a ela não ser odiada pelo povo, em vez de possuir fortalezas. Consideradas, pois todas estas questões louvarei tanto os que farão fortalezas quanto os que não as edificarão; e lamentarei por todos aqueles que, fiados nas fortalezas, considerem de somenos importância ser odiado pelo povo (MAQUIAVEL,2010,p.121-122).

Sobre como um príncipe deve agir para obter honra, para Maquiavel eram adquiridos através das grandes campanhas, também os exemplos que desempenhavam com a intenção de ser memorável. A clareza do príncipe de

Maquiavel também está na neutralidade, onde deve-se agir pensando nas alianças, no povo, e na guerra. Em especial, no povo, como ele mesmo afirma que contando com a comunidade, convivendo e dando exemplos de humanidade, seria mais fácil manter seu posto e também seu Estado. Um outro alerta de Maquiavel seria contra os aduladores, que é importante para saber defender-se também. O príncipe inteligente tomará homens sábios como conselheiros, onde a verdade ao príncipe será dita, mas somente quando perguntados e sobre o que ele perguntar, assim o príncipe não ouvirá mais nenhum outro. O príncipe ouvirá, mas seus conselheiros só seguirá se quiser, as decisões são tomadas sozinho.

Maquiavel relata que os príncipes da Itália, só perderam seus reinos por suas próprias ações, não podendo de forma alguma culpar a fortuna, porque deve manter-se atento mesmo nos tempos de paz, para prever o que de ruim pudesse acontecer com seu Estado. Fica evidente que os príncipes que não dependiam apenas de si mesmo, perderia seu domínio com facilidade, ou seja, deve-se estar preparado para enfrentar a fortuna. E sobre ela, Maquiavel coloca:

Entretanto, para que nosso livre-arbítrio não se anule, penso que pode afirmar que a fortuna decide sobre metade de nossas ações, mas deixa a nosso governo a outra metade, ou quase. Comparo-a a um desses rios devastadores que, quando se enfurecem, alagam as planícies, derrubam árvores e construções, arrastam grandes torrões de terra de um lado para outro: todos fogem diante dele, todos cedem a seu ímpeto sem poder contê-lo minimamente. E, com eles são feitos assim, só resta aos homens providenciar barreiras e diques em tempos de calma, de modo que, quando vierem as cheias, elas escoem por um canal ou provoquem menos estragos e destruições em seu ímpeto (MAQUIAVEL,2010,p.131).

Analisando tudo que foi exposto, a política para Maquiavel está longe de ser moralista, toda ação tomada pelo príncipe seria para manter seu domínio intacto. O eixo administrativo, se assim podemos dizer, está onde opera a astúcia, e tudo que fosse necessário para manter a instabilidade, sem chance de contestação de poder. O príncipe de Maquiavel explicita o cotidiano do poder, o que a torna por muitos como sinônimo de “diabólica”, mas é apenas uma leitura de sua sociedade, e da historicidade dos príncipes anteriores. Apresentada a obra, e seu autor, dedicaremos atenção ao seriado em que Maquiavel e César Bórgia figuram como personagens.

5. ANÁLISE DA SÉRIE

“*The Borgias*” é o título da série televisiva produzida pelo canal Showtime\SBS, com direção de Neil Jordan. Estrelado por Jeremy Irons como Rodrigo Borgia\Papa Alexandre VI, François Arnaud (César Bórgia), David Oakes (Juan Bórgia), Holliday Grainger (Lucrecia Bórgia), Aidan Alexander (Giofre Bórgia), Joanne Whalley (Vannozza dei Canttanei). Outros personagens que se destacaram na série foram: Sean Harris (Micheletto Corella), Colm Feore (Della Rovere), Simon Mcburney (Johannes Burchart), Lotte Verbeek (Julia Farnese), e Julian Bleach (Nicolau Maquiavel).

A série tem três temporadas, produzida de 2011 à 2013, tendo sido cancelada após a terceira, e com o final da série em *e-book*. Neil Jordan relata em uma entrevista⁴ na época do lançamento da série: “Os personagens são tão extraordinários, eu apenas vou deixá-los contar sua própria história.” Além de assemelhar os Bórgias a família Corleone de “*O poderoso Chefão*”⁵, como se a família tivesse servido de inspiração. “É interessante notar que Mario Puzo baseia ‘*The Godfather*’ em *The Family Borgia*.” diz Jordan. “É quase como se ‘*The Godfather*’ tivesse trazido para casa o século XV em Roma.”

O centro da pesquisa na série são os personagens Alexandre VI interpretado por Jeremy Irons, César Bórgia por François Arnaud, e Nicolau Maquiavel por Julian Bleach. Em todas as temporadas, o contexto político do período se faz presente, e a colocação dos personagens Maquiavel e César Bórgia são condizentes com os escritos históricos, especialmente neste meio político. A série representa de maneira espetacular como César alcançou o poder através das riquezas do papado de seu pai, e como Maquiavel foi essencial neste processo, por seus conselhos políticos. Como é um drama histórico, a série só é baseada nos fatos históricos, porém, quando se refere a política, a série é muito feliz porque condiz com o contexto histórico da política italiana. O César conquistador teve espaço na série, assim como o Maquiavel intelectual.

⁴ Entrevista disponível em: <http://zap2it.com/2010/06/the-borgias-neil-jordan-its-almost-like-the-godfather-brought-home/>

⁵ É uma trilogia norte-americana de 1972, dirigida por Francis Ford Coppola, baseada no livro homônimo escrito por Mario Puzo, que conta a história da mafiosa família Corleone, sendo dos filmes mais importantes na História do cinema.

“*The Borgias*” é ambientada na Itália do século XV-XVI, onde uma das famílias mais famosas da História está sendo narrada no mesmo sentido que já conhecemos a partir da leitura de “*O príncipe*” (2010) de Maquiavel quando se trata de política, mesmo sendo baseada no livro “*Os Bórgias*” (2002) de Mario Puzo, a série agrega nitidamente o contexto político histórico da Itália desse período. Além das características políticas, tais como a corrupção, maneiras de continuar no poder, uma Igreja corrupta, as alianças, as rivalidades, as profecias de Girolamo Savonarola e as muitas mortes, Os Bórgias são representados também como no livro do Puzo, no contexto dos boatos⁶ que sempre acompanharam a família durante todos esses séculos, como: o incesto, orgias no vaticano, amantes do papa, e a própria lúbia do papa Alexandre VI. O contexto social, político, e todo o imaginário da primeira grande família do crime são as principais características dessa série televisiva.

- Nós somos uma família – disse aos filhos. – E a lealdade da família deve vir antes de tudo e todos. Precisamos aprender uns com os outros, proteger uns aos outros. Se honrarmos esse compromisso nunca seremos derrotados. Mas se fracassarmos nessa lealdade, todos seremos condenados.- Alexandre virou-se para Lucrecia – E você está certa, minha criança. Porque nesse sentimento a escolha é sua. Você não pode escolher de quem vai ser noiva, mas pode escolher quem vai levá-la para cama primeiro (PUZO, 2002, p.64).

Assim como Puzo coloca em seu romance sobre os Bórgias a relação incestuosa e todas as outras características já mencionadas, Ivan Cloulas (2009) na biografia da família, especialmente de César Bórgia, menciona essa memória “sombria” que a família carrega até os dias atuais. Cita Jofre Bórgia, como o irmão esquecido, e também cita um descendente de Juan Bórgia, o Francisco Bórgia, que foi um cardeal canonizado no século XVII, sendo o membro da descendência Bórgia, que ficou conhecido por suas atitudes que diferiam do passado da sua família.

O príncipe de Esquilache apagou-se assim discretamente da memória dos homens, muito ao contrário do pai, da irmã, e sobretudo de César, votados a uma imortalidade sombria. No entanto, coube ao descendente de João de Gândia, o terceiro geral dos jesuítas, Francisco Bórgia, que faleceu em 1572 e foi canonizado no século

⁶ Os boatos sobre a relação incestuosa entre o César Bórgia, e a Lucrecia Bórgia é relatada pelos historiadores Volker Reinhardt, e Ivan Cloulas. Apesar de não existir documentos que comprovem tal envolvimento. Mario Puzo também contribui para essa imagem em seu livro sobre a família Bórgia.

seguinte, velar as manchas negras da História dos Bórgias com o brilho de suas virtudes (CLOULAS,2009,p.232).

“O *príncipe*” (2010) de Maquiavel, como já analisado anteriormente, podemos notar a relação de César e Maquiavel, todo o conhecimento de Maquiavel sobre a família, em especial as ações de César, e as ocorrências do papado de Alexandre VI. Fernando Henrique Cardoso, famoso FHC, disserta sobre como Maquiavel se refere a César Bórgia, o que também perceberemos como é presente na série televisa essa questão.

É certo que Maquiavel não prega a esmo que os que fins justificam os meios; assim como tampouco dá seus conselhos aos homens comuns. Só aos príncipes, em momentos decisivos, caberia “fazer o mal” quando ele fosse necessário para salvar a república ou a si mesmo. Por não ter agido conforme esses preceitos na sucessão de Alexandre, Maquiavel condenou César Bórgia, por tê-los seguido nas manobras contra seus amigos e inimigos nas outras circunstâncias descritas, coube o elogio (CARDOSO *apud* MAQUIAVEL,2010,p.18).

Dentre essas características, foi usada como base para a análise da série, a obra de Mark Rowlands (2008) “*Tudo o que sei aprendi com a TV*” a filosofia nos seriados de TV. Da maneira que ele analisa vários seriados televisivos através da filosofia, a nossa análise segue no âmbito histórico. Alguns dos termos técnicos de séries, no texto de Gaby Allrath, e Marion Gymnich (2005), “*Strategies in Television Series*”, no qual ajudou a entender mais sobre a narrativa das séries de TV, o funcionamento das abordagens narratológicas aplicadas em audiovisuais. Como é uma pesquisa em História, o contexto histórico das personagens foi o centro da análise, não deixando de ser importante para a leitura da série algumas básicas categorias e conceitos para uma análise de narrativas na TV, no qual o capítulo introdutório desta pesquisa foi de grande contribuição.

O primeiro episódio da série televisa “*The Borgias*” intitulado “ The poisoned chalice”(O cálice envenenado) narra Roma no ano de 1492, como notamos no primeiro frame⁷ da série, Roma é o centro do mundo cristão e a sede do papado. A escolha do plano aberto, a câmera que sobrevoa a cidade, a fumaça/nuvens reforçam um clima de poder (natureza) e grandiosidade

⁷ Todos os frames do seriado foram capturados por nós.

humana (cidade). Nesse episódio da série, é mostrado o poder que teria um cardeal ao tornar-se papa, no contexto histórico, como vimos anteriormente, Roma estava atolada em corrupção, e nessa perspectiva a luta pelo trono de São Pedro com a morte do papa Inocêncio VIII, os integrantes da cúria iriam lutar para conseguir ocupar o lugar de maior importância na Igreja, o papado.

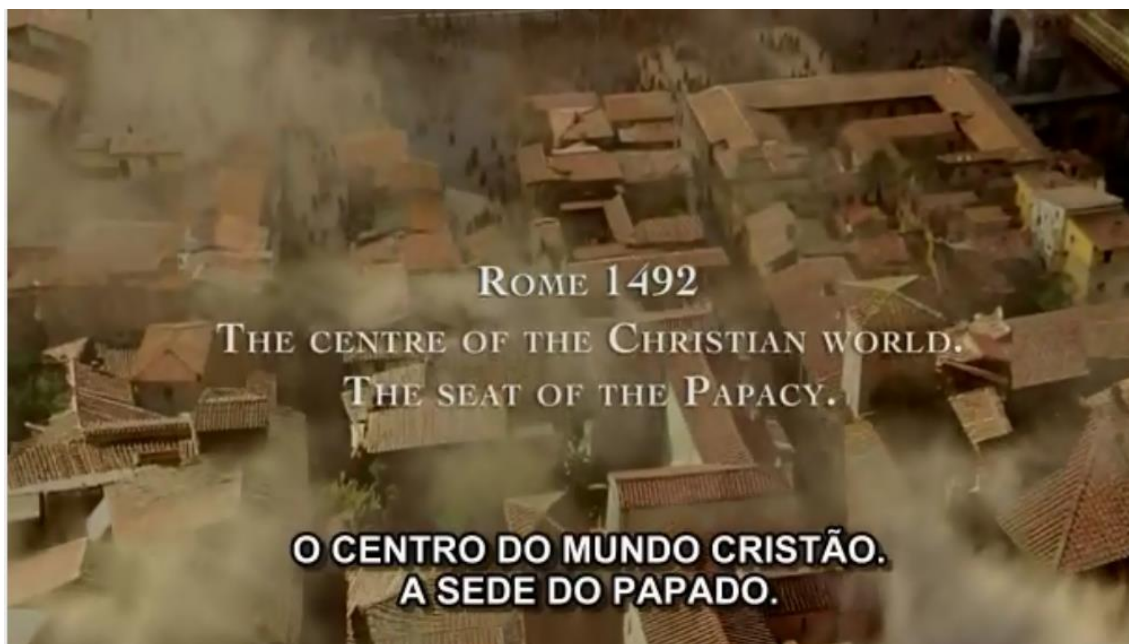


Figura 1: Temporada 01, Episódio 01, intitulado "The poisoned chalice" (T01ET01).

A política do período é consideravelmente trabalhada na série desde o primeiro episódio, que depois da morte do papa Inocêncio VIII, começam as negociações, deixando claro a dinâmica de persuasão dos integrantes da cúria para a chegada ao poder. A imagem mostra Roma, e as primeiras informações sobre a narrativa da série. Foi em 1492, na série, assim como no contexto histórico que Rodrigo Bórgia torna-se Alexandre VI, e ainda no primeiro episódio da série, é enfatizado as movimentações das famílias tradicionais italianas e também da família Bórgia (Na qual Rodrigo Bórgia encarrega seus dois filhos César Bórgia, Juan Bórgia para induzir com promessas os integrantes da cúria, adquirindo assim a maioria dos votos necessários), foi nesse sentido que Alexandre VI, o papa Bórgia, conseguiu chegar ao trono de São Pedro.



Figura 2: Temporada 01, Episódio 01, intitulado " The poisoned chalice" (T01ET01).

Este segundo frame (figura 2) da série mostra Rodrigo Bórgia, ao se tornar papa, sendo apresentado a população de Roma, que aguardavam ansiosamente a fumaça branca sinalizando que um novo papa fora escolhido. Vale salientar o "mar de fiéis" na imagem, que esperava ansiosamente pela escolha do novo papa. A escolha do plano com a câmera sobre o seu ombro (over shoulder), demonstra a perspectiva do público que estaria por trás dele vendo a multidão. O primeiro episódio também apresenta os principais personagens da série, além do papa, e seus filhos homens que já foi citado anteriormente, é apresentada sua filha Lucrecia Bórgia, e Giofre Bórgia, seu filho mais novo. Além de apresentar também Vannoza dei Canttanei, a mãe dos quatro filhos mais conhecidos do papa Alexandre VI. Micheletto Corella fiel servo da família, Della Rovere o maior inimigo da família como também já vimos antes, Johannes Burchart o escrivão do Vaticano, e Julia Farnese a amante mais conhecida do papa.

Neil Jordan (produtor\roteirista) mostra a todo momento que conhecia o contexto histórico da família ao apresentar logo no primeiro episódio da série o César insatisfeito com sua posição de cardeal, enfatizando em várias cenas

que ele só estava desempenhando esse papel por ordem do pai, e pelo bem da família. Escolhemos o frame seguinte (figura 3) por remeter ao duplo enclausuramento da personagem. Aqui na escolha do enquadramento (close) é para intensificar as palavras que César estava para falar, na quase ausência de luz no ambiente reforçando o estado interno em que se encontra a personagem. Anteriormente, na apresentação dos personagens, notamos nos escritos históricos que César Bórgia sempre quis ser um soldado, e segundo o próprio Maquiavel, tinha talento para tal. No terceiro frame (figura 3), a acusação de César ao pai, no qual alegava não ter vocação para Igreja, e sim para comandar exércitos.



Figura 3: Temporada 01, Episódio 01, intitulado "The poisoned chalice" (T01ET01).

Nessa perspectiva começaremos a analisar os episódios em que Maquiavel aparece aconselhando César. Assim como nos escritos históricos, Maquiavel na série é o embaixador dos Médici, intelectual, que daria conselhos políticos a César nos momentos de maior importância para preservar o poder da família nessa Roma do século XV, qual era rodeada de conspirações. Anthony Grafton (2010), disserta sobre quando Maquiavel conhece os mais poderosos governantes de seu tempo, como:

César Bórgia, Luís XII, da França, o sacro imperador romano Maximiliano I. Por vezes humilhado pelos representantes das potências maiores, ele se deu conta da insignificância de Florença na mais nova política e na guerra do início do século XVI (GRAFTON *apud* MAQUIAVEL, 2010, p.29).



Figura 4: Temporada 01, Episódio 05, intitulado " The Borgias in love"(T01E05).

A cena do frame (figura 4) acima é do quinto episódio da primeira temporada, ambientada em Florença do século XV, a primeira aparição de César Bórgia ao lado de Maquiavel, no momento em que Girolamo Savonarola (profeta, no qual já mencionamos) está pregando os seus sermões sobre como a busca pelos bens, o dinheiro, as vaidades eram formas injustas de viver, e que depois todas as vaidades não significariam nada no reino dos céus. O encontro de César, e Maquiavel neste momento foi bem colocada porque Savonarola tinha muito poder persuasivo, arrastando uma multidão de fiéis as suas profecias. Então seria de interesse da República de Florença, como também para a família do cardeal Borgia, silenciar este profeta que não compartilhava dos mesmo ideais, além de atacá-los diretamente.

No próximo frame (figura 5) notamos que Maquiavel e César vão para um lugar mais isolado, para discutir sobre os planos destinados a Savanarola.

Havia ainda um conflito de Alexandre VI com o pregador ascético Girolamo Savanarola, iniciado durante as negociações da invasão italiana por Carlos VIII e considerado uma questão de disputa de poder entre ambos, inextricavelmente entrelaçada em questões políticas (REINHARDT,2013,p.147).

Segundo Volker Reinhardt (2013), Savanarola era uma figura de amor ao próximo, e já Alexandre VI, o oposto absoluto. Ou seja, nesse sentido temos um papa, ocupando o maior posto da Igreja, que tem o poder de mudar o curso dos acontecimentos dentro da cúria e nos próprios Estados, por ter o cargo de autoridade e ouro suficiente para tal mudanças. E do outro lado um profeta desarmado, apoiado pelo povo. Já Maquiavel, como embaixador florentino da família Médici, estava preocupado com a situação que a população de Florença estava (apoiando Savanarola), e seu príncipe Piero de Médici, poderia concordar em um acordo com a família Bórgia, no intuito de calar o profeta, o que seria um inimigo a menos para ambos. César já no quinto episódio da série mostra o interesse em calar o profeta o queimando na fogueira por heresia, e foi o que aconteceu, como ainda iremos mostrar.



Figura 5: Temporada 01, Episódio 05, intitulado " The Borgias in Love"(T01E05).

O destino de Savonarola havia sido decidido a partir desse momento, pela trama já é notável o César que não cansa até conseguir impedir a deposição do papa, que também era seu pai. Ele então defenderia a família, enquanto Maquiavel e a família Médici estariam com uma Florença livre de pensamentos como o do profeta que condenava todos os tipos de vaidades, e considerava o papa Bórgia como demônio por todas as suas atitudes (como já foi mencionado anteriormente nas características da família Bórgia), a narrativa da série nesse sentido está ligada aos escritos históricos.

Além de Savonarola, o inimigo mais conhecido dos Bórgias foi o cardeal Della Rovere, como já explicamos anteriormente. E na série, ele tenta de diversas maneiras a deposição do papa Bórgia. Na narrativa da série, e mais precisamente no sétimo episódio da primeira temporada, como notamos no frame abaixo (figura 6) Della Rovere se encontra com Maquiavel, e Piero de Médici em Florença, no qual o objetivo do cardeal era entrar em acordo para que não fizessem nada se o exército francês fosse marchar até Roma para deposição do papa Bórgia. Podemos notar nesse sentido, que Neil Jordan teve a preocupação em encaixar o rei francês na série. No frame (figura 6) o enquadramento dos três, Della Rovere, Piero de Médici, e Maquiavel, enquanto dialogavam sobre essa questão.



Figura 6: Temporada 01, Episódio 07, intitulado “Death on a pale horse”(T01ET07).

A política do período já foi explanada anteriormente, mas é interessante para o contexto em que a série está inserida, reforçar que o exército francês era de uma força impressionante, e assim como foi relatado, César aliando-se ao rei, conseguirá conquistar territórios e poder para sua família. O que irá acontecer na série também, através do personagem de Della Rovere que tenta a deposição do papa aliando-se ao rei francês, plano que deu errado pelas muitas artimanhas da família Bórgia, que conseguiriam sair da situação de adversidade, e além disso, se beneficiar com a situação.

Logo Alexandre começou a formular outro plano com o objetivo de proteger sua posição no Vaticano, e proteger a própria Roma de uma invasão estrangeira, teve certeza de que precisava unificar as cidades-estados da Itália (PUZO, 2002, p. 95).

Essa citação do romance *“Os Bórgias”* (2002) de Mario Puzo, mostra o quanto o livro, e conseqüentemente a série, foram fiéis com relação a política na Itália do século XV-XVI, pois como já enfatizamos, o papa Alexandre VI, por meio da sua família, pelo seu filho César Bórgia, tinha planos de expandir o domínio da Igreja, conquistando assim territórios para os Bórgias, a ambição da família não tinha tamanho.

A segunda temporada da série, tem espaço para um César ainda mais violento, e pronto para lutar contra todos que opusessem os interesses da sua família. No frame abaixo (figura 7), do sexto episódio da segunda temporada, outro encontro entre Maquiavel e César, dessa vez em Roma. O embaixador de Florença estava a serviço de seu mestre Piero de Médici, pois a situação na república estava caótica, Savanarola no auge do seu poder, com sua multidão de fiéis atacavam os que não abdicavam das vaidades terrenas. Ou seja, o jeito era sair de Florença até que enfim, conseguissem com ajuda da família Bórgia acabar com o poder das palavras do profeta. Sobre Piero de Médici: “Ele acha que estará mais seguro aqui em Roma”, disse Maquiavel. O enquadramento escolhido reforça a tensão, o César desvia o olhar enquanto Maquiavel fixa o olhar e pronuncia sua fala como uma maneira de reforçar a ideia de convencê-lo sobre o que foi dito.



Figura 7: Temporada 02, Episódio 06, intitulado “Day of ashes”(T02ET06).

Na mesma cena (figura 7) os personagens além de conversarem sobre o banco Médici, e da relação política entre Maquiavel e seu mestre, é interessante notar que dialoga com a figura que foi construída historicamente de Maquiavel, o intelectual, sem julgamento de moralidade. Nas palavras de César Bórgia: “Senhor Maquiavel, uma informação mais específica sobre esse assunto seria muito apreciada.” E é o que acontece no próximo frame (figura 8), Maquiavel traz informações para facilitar o encontro de César com o ouro perdido do banco Médici.

Maquiavel aconselha César Bórgia sobre como encontrar o ouro que havia se perdido do banco Médici, com toda essa situação em Florença por causa de Savonarola estavam transportando o ouro que ainda não havia se perdido. Na narrativa da série, é interessante notar que os acontecimentos sempre ligam os personagens de César e Maquiavel, no contexto político, abrindo espaço para que o embaixador florentino pudesse usar das suas habilidades para aconselhar o por enquanto, cardeal Bórgia.

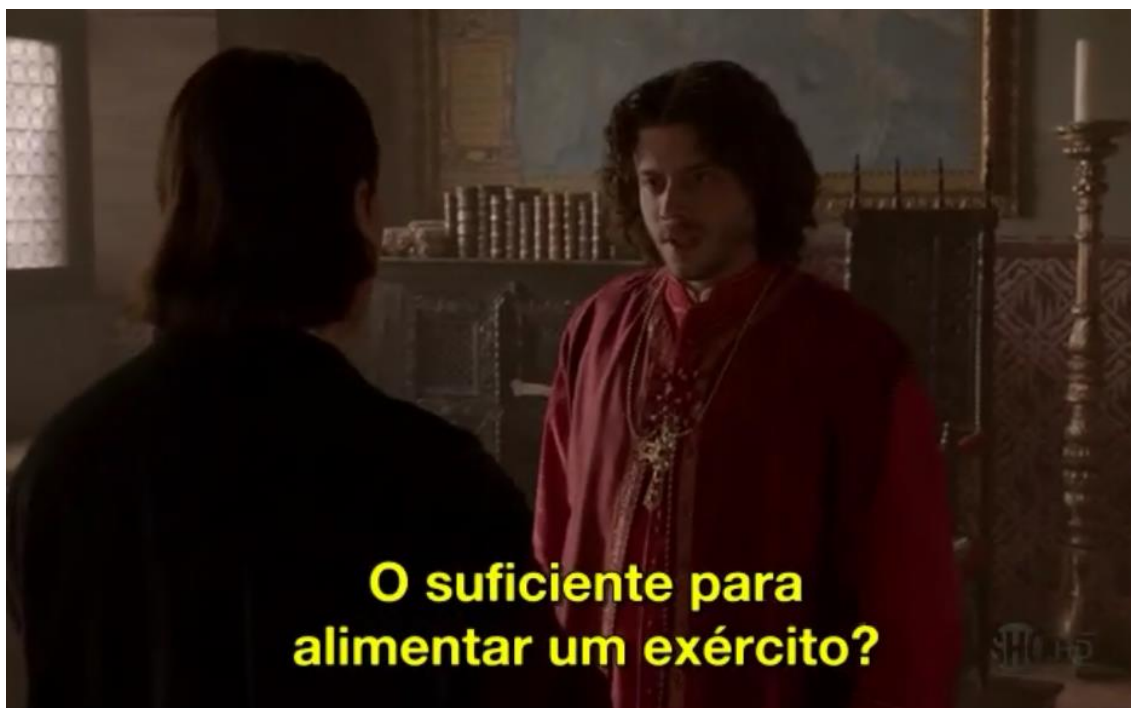


Figura 8: Temporada 02, Episódio 06, intitulado "Day of ashes"(T02ET06).

Além da relação política entre as personagens, no frame acima (figura 8) notamos também que César já estava planejando abandonar o seu chapéu cardinílico, para assumir e comandar um exército. Mas a questão é, como ele faria isso se o seu irmão Juan Bórgia ocupava esse posto? Pois bem, no contexto histórico as suspeitas sobre a morte do seu irmão, como já dissertamos antes, caíram sobre ele. Já na narrativa da série, as ações foram literalmente concluídas.

César mata o seu próprio irmão para ocupar o seu lugar como Gonfaloneiro, comandante do exército papal. Foi exatamente no nono episódio da segunda temporada, como podemos notar no frame abaixo (figura 9), César golpeia com sua espada diversas vezes no abdômen do irmão, e depois joga-o no Tibre. "Somos Bórgias! nunca perdoamos." No frame, o jogo de contraluz, permite-nos apenas observar as silhuetas, sendo o design de som, e sombras, entre o que se vê e aquilo que é imaginado, tornam a cena ainda mais tensa. E as últimas palavras de César para o irmão, no momento em que a vida já o deixava.

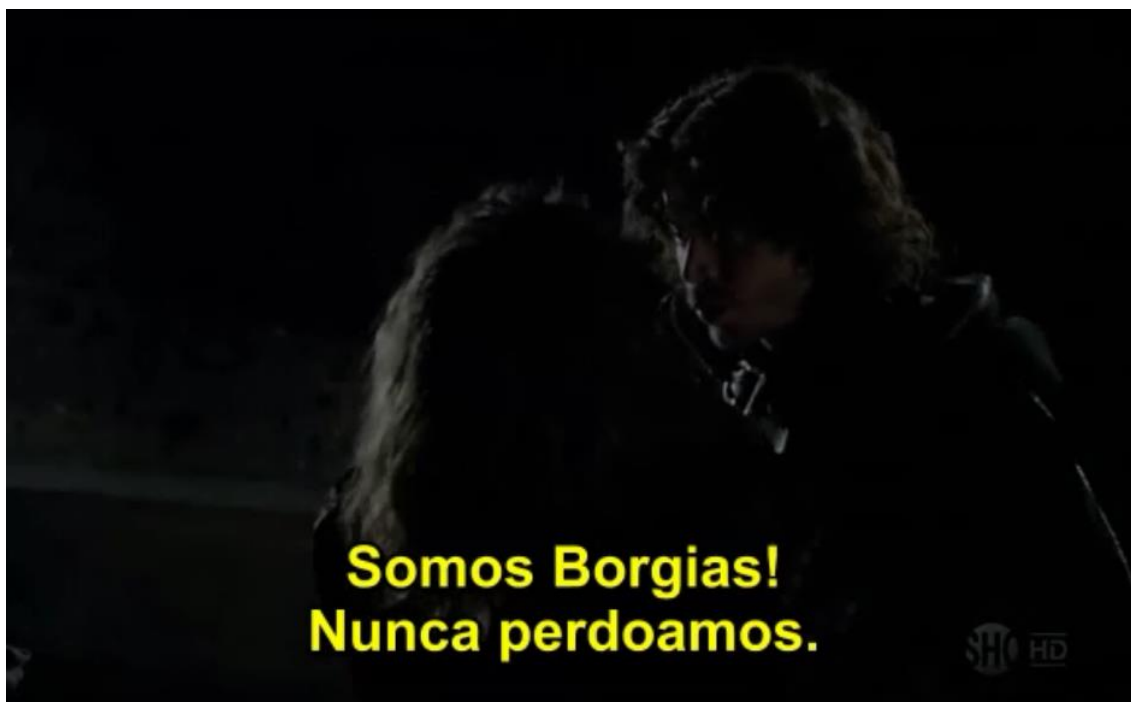


Figura 9: Temporada 02, Episódio 09, intitulado “Word of Wonders”(T02ET09).

Apesar da busca incessante do papa, pelo seu filho desaparecido, ainda estavam preocupados com Savonarola. E é apenas no décimo episódio da segunda temporada que o profeta é queimado na fogueira, como herético. Depois de muito torturado, assim como nos escritos históricos, Savonarola morre, tendo decreto papal pelo papa Alexandre VI. Neste mesmo momento na narrativa da série, o papa vela e faz o velório do seu querido filho, morto, e sem responsável aparente pela morte.

A terceira temporada da série, é sem dúvidas o momento em que aparece o César conquistador. No quinto episódio da terceira e última temporada, Maquiavel aparece em Avignon na França, à negócios, assim como César. Podemos observar no frame (figura 10), que ambos estão na sombra, mesmo com uma janela que ilumina o ambiente reforçando o que negociam ser algo sombrio e obscuro. Um outro encontro, além de conselhos políticos, agora como no famoso “O príncipe”, a narrativa da série segue o contexto, colocando Maquiavel a opinar sobre como o César deveria se comportar na corte francesa, e até mesmo escolhem o traje que foi usado por César para ocasião.



Figura 10: Temporada 03, Episódio 05, intitulado “The wolf and the Lamb”(T02ET09).

César era o único filho do papa Alexandre VI que ainda não havia casado, porém, estava a um fio dessa realidade. A intenção dele na corte francesa era encontrar uma pretendente que lhe fosse ideal. No frame (figura 10) César diz: “Soube que tinha negócios em Avignon.” dando a entender que procurou Maquiavel para que o aconselhasse, e foi o que aconteceu.

Não seria difícil casar- se com a França, pois o rei queria conquistar Nápoles, e anular o seu casamento, o que só conseguiria com ajuda do papa e de seu filho. Assim como nos escritos históricos, na série, César Bórgia vai casar com Charlott d’ Albret, duquesa de Valentinois, casando com ela também agrega o título de duque de Valentinois, como já explanamos na apresentação dos personagens, ou seja, neste sentido a série também foi fiel ao contexto histórico.

César escolheu as suas testemunhas entre os seus fiéis: Agapito Gherardi e Ramiro de Lorca. Elemento fundamental no documento assinado nesse dia é uma cláusula que obriga César e todos os próximos a servir o rei da França na conquista do ducado de Milão, e

do reino de Nápoles, enquanto os Franceses se comprometem a defender o papa se este solicitar ajuda (CLOULAS,2009,p. 113).

Nota-se facilmente a aliança política que César Bórgia e seu pai formavam com rei francês, o que contribui de maneira essencial para as conquistas dos territórios por César. No nono episódio da terceira temporada, Maquiavel ainda aconselha César a como proceder na ajuda ao rei francês na conquista das cidades (Nápoles, e o Ducado de Milão). E como a série foi cancelada sem uma conclusão, o exército francês só acompanharia o filho do papa na primeira empreitada, o cerco a Forlì, no qual só acontece no décimo e último episódio da terceira temporada, intitulado “The Prince”(O príncipe).



Figura 11: Temporada 03, Episódio 10, intitulado “The prince”(T02ET10).

O frame acima (figura 11), é do diálogo entre Maquiavel e César Bórgia, no último episódio da série, no qual serviu de inspiração para esta pesquisa. Como em muitos episódios da série, Maquiavel é apresentado como conselheiro político de César, e é nesse momento que o filho do papa impressiona pelas estratégias usadas para a conquista de Forlì. Como já mencionado antes, era governada pela ilustre Caterina Sforza. O imaginário do romance que deu vida a série, e também como nos escritos históricos, a

senhora Sforza foi capturada por César, perdendo assim o seu Estado, que agora pertenceria aos Bórgias. Maquiavel na cena fala de como a pessoa que matou o irmão de César (Juan) poderia um dia se tornar o príncipe perfeito, porque não deixou vestígios do crime. Ou seja, praticamente um elogio as ações de César, porque é evidente que Maquiavel estava ciente da situação e ambição de toda a família. Além da própria feição do rosto de César, que o entregava a situação, o jogo de luz apenas intensifica essa aparência, como podemos notar no frame.

Forlì seria o primeiro de muitos territórios a ser conquistados por César, se a série televisiva não tivesse sido cancelada acompanharia a trajetória de César Bórgia, e do papa Alexandre VI, até o fim da vida de ambos. Podemos notar essas afirmações na leitura de “Os Bórgias” de Mario Puzo, que segundo Neil Jordan, serviu de inspiração para a série.



Figura 12: Temporada 03, Episódio 10, intitulado “The prince”(T02ET10).

No diálogo entre Maquiavel e César no último episódio da série, o embaixador florentino aconselha César sobre Forlì, assegurando que Florença não faria nada com o exército que marcharia por suas terras, César Bórgia continua então com seu plano para conquistar o território de Caterina Sforza,

no qual foi bem sucedido. “Aut Caesar! Aut nihil!” É a frase em latim do frame acima, que significa “Ou César! Ou nada!”, como a própria narrativa da série, como Maquiavel eternizou no seu “O príncipe”, César não deixaria de combater qual fosse o inimigo que tentasse tirar os Estados conquistados pelos Bórgias, e muito além, conseguiriam manter por longa data esse domínio.

6. CONCLUSÃO

A família Bórgia inspirou muitas produções audiovisuais, além da série “*The Borgias*” (2011/2013) produzida por Neil Jordan, na qual conseguimos notar a relação política entre as personagens Maquiavel e César Bórgia, existe outra série, de produção franco-alemã sobre a família, “*Borgia: Faith and Fear*” (2011/2014) produzida por Tom Fontana, além do filme espanhol “*Los Borgia*” (2006) produzido por Antonio Hernández. Os Bórgias também inspiraram diversos romances, biografias, e ainda, quando se refere à política italiana renascentista, o nome da família sempre aparece nas obras dos mais renomados escritores sobre o assunto. Não precisamos ir muito longe, basta pensar em Maquiavel, que eternizou o nome de César Bórgia em seus escritos políticos. “*Os Bórgias*” (2002) de Mario Puzo, obra já mencionada anteriormente (por servir de inspiração para “*The Borgias*” a série) é consagrada por leitores e críticos por seus romances sobre máfia, e nitidamente apaixonado pelo tema consolida no livro toda uma imagem que ronda sobre a família durante todos esses séculos.

É importante pensarmos na considerada pela História, como primeira família do crime, questão essa que merece atenção pelas características que podemos comparar com a nossa sociedade atual, sem anacronismos. Quando pensamos na política atual, e todo o processo para conseguir poder, as famílias mais poderosas do mundo, e sem mais, todas as questões que Maquiavel colocou em seu “*O príncipe*”, não se fazem presentes? A todo momento conseguimos associar a alguém, a algum acontecimento, e a algum governante. São características que nem mesmo o tempo conseguiu mudar, a

ambição das pessoas, a maneira como esses valores se fazem presentes na corrupção, nas relações de interesse.

Pensando nesse sentido, é fácil encontrar um Alexandre VI, que sem noção da moralidade no sentido contemporâneo quer acima de tudo aumentar seu poder, e conseqüentemente o da sua família, algo que não se desvincula na cultura em que está inserido. Diante do seu amplo poder de oratória e persuasão. Um César Bórgia, galante, que seus princípios são também reflexos do pai, e, em especial, da realidade de sua época. Poderíamos pensar assim, que tantas produções a cerca da família Bórgia, e todo o imaginário de pecado, corrupção, política, e as mais diversas consideradas atrocidades, é uma maneira de visitar o nosso eu, no século XVI? Quem nunca presenciou, ouviu falar, em um crime por interesse pessoal? Em um ato corrupto cotidiano, ou em maior dimensão? Em um governante que com o poder do discurso consegue enganar grande parcela de pessoas? Um governante que se alia a outro em um momento oportuno, e depois a amizade política se desfaz? São muitas as características dos escritos de Maquiavel intelectual e estrategista, da família Bórgia, que refletindo conseguimos associar. Claro, muitos séculos se passaram, muitos valores foram reconstruídos, mas nem o tempo consegue mudar tudo.

Na leitura de Ivan Cloulas (2009) sobre os Bórgias, em muitos momentos da sua escrita podemos notar que César Bórgia pra ele serviu de inspiração para governantes em gerações diferentes. A política em sua essência, não é difícil notar tais características. O objeto desse trabalho, foi analisar essas características políticas na série, usando o contexto histórico político e cultural da Itália renacentista, e também reflexões sobre os escritos do considerado fundador da ciência política: Maquiavel. Apresentamos assim nossa leitura possível da conjuntura histórica e do seriado televisivo no intuito de estimular debates e reflexões mais profícuos sobre o tema.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLRATH, Gaby. GYMNICH, Marion. *Introduction: Towards a Narratology of TV Series Narrative. In: Strategies in Television Series.* Publisher: Palgrave Macmillan UK, 2005.

BARROS, José d' Assunção. *Teoria da História/ José de Assunção Barros.*- 2.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARROS, Vinícius Soares de Campos. *10 lições sobre Maquiavel / Vinícius Soares de Campos Barros.* 5.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BLOCH, Marc. *O renascimento intelectual na segunda idade feudal. In: A sociedade feudal.* Tradução de Emanuel Lourenço Godinho, Editora: EDIÇÕES 70 - BRASIL, 2006.

BOWER, Sarah. *Pecados da casa dos Borgia.* Tradução de Mariluce Pessoa. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

BURCKHARDT, JACOB CHRISTOPH, 1818-1897. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio / Jacob Burckhardt;* tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURCKHARDT, Jacob. *O estado como obra de arte / Jacob Buckhardt;* tradução de Sergio Tellatori. - 1a ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: A Escrita da História: novas perspectivas.* Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural.* São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural.* (Coleção travessia do século) Tradução: Enid Abreu Dobránszky - Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CLOULAS, IVAN. *César Bórgia: filho de papa, príncipe e aventureiro / Ivan Cloulas;* tradução Victor Silva. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

Editora Abril. *Capítulo 13 - Maquiavel* (Coleção Os Pensadores) São Paulo, 1987.

GARIN, Eugênio. *Os chanceleres humanistas da República florentina, De Coluccio Salutati e Bartolomeu Scala. In: Ciência e vida civil no renascimento italiano.* Editora: UNESP, 1996.

GRILLANDI, Massimo. *Lucrecia Bórgia.* Tradução: Antônio Fernando da Costa Aguiar Negrini. Edição integral, Círculo do Livro S.A. São Paulo, 1984.

HANEY, John. (*Coleção Os Grandes Líderes*). César Bórgia. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

HIBBERT, Christopher. *Ascensão e queda da Casa dos Medici / Christopher Hibbert;* tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JODOROWSKKY, Alejandro. *Bórgia: o poder e o incesto* \ Jodorowsky & Manara; [tradução Paulo Zocchi]. -- São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

LARIVAILLE, PAUL, 1932-. *A Itália no tempo de Maquiavel: Florença e Roma / Paul Larivaille;* tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (A vida cotidiana).

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória / Jacques Le Goff;* tradução Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval.* Tradução Editorial Presença, Lisboa, 1989.

MANARA, Milo. *Bórgia: as chamas da fogueira* \ Manara\ Jodorowsky; tradução Idalina Lopes. -- São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

MANARA, Milo. *Bórgia: sangue para o Papa* \ Manara & Jodorowsky; [tradução Paulo Zocchi]. -- 2. ed. -- São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

MANARA, Milo. *Bórgia: tudo é vaidade* \ Jodorowsky & Manara; tradução Idalina Lopes. -- São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

MAQUIAVEL, Nicolau, 1469-1527. *O príncipe* / Nicolau Maquiavel; tradução de Maurício Santana Dias; prefácio de Fernando Henrique Cardoso; tradução dos apêndices de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. Trad. de Sérgio Bath, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994, 3º ed.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Escritos Políticos - A Arte da Guerra*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor - Editora Martin Claret, 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Política e Gestão Florentina*. (Serie Ciências Sociais na Administração, Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração, FGV-EAESP). São Paulo: FSJ, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Política e Gestão Florentina*. (Serie Ciências Sociais na Administração, Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração, FGV-EAESP). São Paulo: FSJ, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. *História & História cultural*. Editora: Autêntica. 3 edição, 2007.

PUZO, Mario. *Os Bórgias*. Finalizado por Carol Gino; tradução de Alves Calado. - Rio de Janeiro: Record, 2002.

Reflexões sobre Maquiavel / Rafael Salatini & Marcos DelRoio (organizadores). – Marília: Oficina Universitária ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

REINHARDT, Volker. *Alexandre VI: Bórgia: o papa sinistro: biografia* / Volker Reinhardt; [tradução do original em alemão Márcia da Costa Huber. São Paulo: Editora Europa, 2013.

SABATINI, Rafael. *Astúcia, justiça e vinganças de César Bórgia* / Rafael Sabatini, Coleção: Os mais belos romances; tradução de Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1952.

STANDAGE, Tom. *O vinho na Grécia e Roma*. In: *História do mundo em 6 copos* / Tom Standage; tradução Antonio Braga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

VÁZQUEZ MONTALBÁN, Manuel, 1939. *Ou César ou nada* / Manuel Vázquez Montalbán; tradução Joana Angélica. - Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

71. Série:

JORDAN, Neil. *The Borgias*. Hungria, Irlanda, Canadá: Showtime/CBS, 2011. 3 DVD's (465 mins).

JORDAN, Neil. *The Borgias*. Hungria, Irlanda, Canadá: Showtime/CBS, 2012. 4 DVD's (519 mins).

JORDAN, Neil. *The Borgias*. Hungria, Irlanda, Canadá: Showtime/CBS, 2013. 4 DVD's (503 mins).

7.2 Sites:

BUADES Marià Carbonell I. *Cèsar Borja i l'art: tres episodis*. Revista Borja. Disponível em:

<http://www.raco.cat/index.php/RevistaBorja/article/download/183586/236305>

Acesso: 15 fevereiro 2016.

GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no renascimento*. Fundação Editora da Unesp. Disponível em:

<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Mat%C3%A9rias/Sociologia%20e%20Filosofia%20da%20Arte%20I/Ci%C3%Aancia%20e%20Vida%20Civil%20n%20Renascimento%20Italiano%20-%20Eugenio%20Gari.pdf>

Acesso: 20 fevereiro 2016.

JUNIOR, José Nivaldo. *Escritos políticos*. Editora: Martin Claret. Disponível em:

<http://docplayer.com.br/4885172-Uma-vida-no-seu-tempo-jose-nivaldo-junior.html>

Acesso: 21 fevereiro 2016.

KORNIS, Mônica Almeida. *Televisão, história e sociedade: trajetórias de pesquisa*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2007. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1743.pdf

Acesso: 02 março 2016.

LENZ, Sylvia Ewel. *Igreja, cristandade e poder*. Temas & Matizes, 2004. Disponível em:

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/viewFile/553/464>

Acesso: 12 fevereiro 2016.

MIRALLES, Álvaro Fernández de Córdoba. *Cèsar Borja en el seu context històric: Entre el pontificat i la monarquia Hispànica*. Universitat de Navarra.

Disponível em:

<http://www.unav.es/thistorica/curriculum/cordova/Cesar%20Borja%20en%20el%20seu%20context.pdf> Acesso: 21 fevereiro 2016.

MITTELL, Jason. *Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea*. Matrizes, São Paulo, 2012. Disponível em:

<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/337> Acesso: 02 março 2016.

MORO, Eduardo João. *Duque Valentino: O Príncipe ou um príncipe de Maquiavel?* Revista Alpha, 2009. Disponível em:

http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/22863/duque_valentino.pdf

Acesso: 20 fevereiro 2016.

ROWLANDS, Mark. *Tudo o que Sei Aprendi com a TV: A Filosofia nos Seriadados de TV*. Ediouro, 2008. Disponível em:

[http://baixar-download.jegueajato.com/Mark%20Rowlands/Tudo%20o%20Que%20Sei%20Aprendi%20Com%20a%20TV%20\(859\)/Tudo%20o%20Que%20Sei%20Aprendi%20Com%20a%20TV%20-%20Mark%20Rowlands.pdf](http://baixar-download.jegueajato.com/Mark%20Rowlands/Tudo%20o%20Que%20Sei%20Aprendi%20Com%20a%20TV%20(859)/Tudo%20o%20Que%20Sei%20Aprendi%20Com%20a%20TV%20-%20Mark%20Rowlands.pdf) Acesso: 04 março 2016.

SILVA, M. V. B. *Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade*. Galaxia, São Paulo. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/15810/14556>

Acesso: 02 março 2016.

SOUSA, Euza Raquel. *A herança do humanismo civil renascentista na reflexão sobre história e política em Maquiavel*. Universidade Estadual do Ceará, 2010. Disponível em:

http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/2010_a_heran%C3%A7a_do_humanismo_civil_renascentista.pdf Acesso: 22 fevereiro 2016.

WINTER, Lairton Moacir. *A concepção de Estado e de poder político em Maquiavel*. Revista Tempo da Ciência. Disponível em:

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/1532/1250>

Acesso: 10 fevereiro 2016.

ANEXO 1

FICHA TÉCNICA

1 temporada

Gênero: Drama
Direção: Neil Jordan
Roteiro: Neil Jordan
Elenco: Jeremy Irons, François Arnaud, Holliday Grainger, Joanne Whalley, Lotte Verbeek, David Oakes, Sean Harris, Simon McBurney, Derek Jacobi, Aidan Alexander e Colm Feore.
Produção: Take 5 Productions; Octagon Films
Fotografia: Paul Sarossy
Trilha Sonora: Trevor Morris
Duração: 465 minutos, aproximadamente 60 minutos por episódio
Ano: 2011
País: Canadá; Hungria; Irlanda
Cor: Colorido
Estreia: 2011
Distribuidora: Showtime/CBS
Estúdio: Paramount Pictures
Classificação: 16 anos

2 temporada

Gênero: Drama
Direção: Neil Jordan
Roteiro: Neil Jordan
Elenco: Jeremy Irons, François Arnaud, Holliday Grainger, Joanne Whalley, Lotte Verbeek, David Oakes, Sean Harris, Steven Berkoff, Julian Bleach, Peter Sullivan, e Colm Feore.
Produção: Take 5 Productions; Octagon Films
Fotografia: Paul Sarossy
Trilha Sonora: Trevor Morris
Duração: 519 minutos, aproximadamente 60 minutos por episódio
Ano: 2012
País: Canadá; Hungria; Irlanda
Cor: Colorido
Estreia: 2012
Distribuidora: Showtime/CBS
Estúdio: Paramount Pictures
Classificação: 18 anos

3 temporada

Gênero: Drama

Direção: Neil Jordan

Roteiro: Neil Jordan

Elenco: Jeremy Irons, François Arnaud, Holliday Grainger, Joanne Whalley, Lotte Verbeek, Sean Harris, Thure Lindhart, Julian Bleach, Gina Mckee, Peter Sullivan, e Colm Feore.

Produção: Take 5 Productions; Octagon Films

Fotografia: Pierre Gill, David Johnson , Paul Sarossy

Trilha Sonora: Trevor Morris

Duração: 503 minutos, aproximadamente 60 minutos por episódio

Ano: 2013

País: Canadá; Hungria; Irlanda

Cor: Colorido

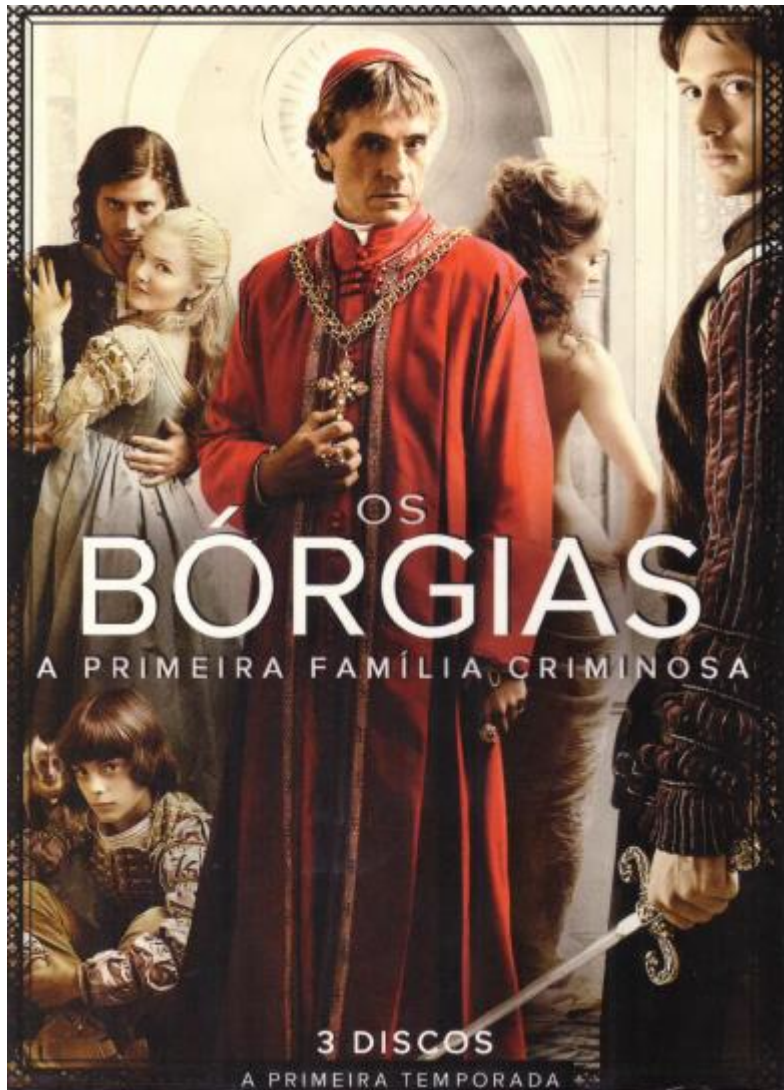
Estreia: 2013

Distribuidora: Showtime/CBS

Estúdio: Paramount Pictures

Classificação: 18 anos

Anexo 2



Anexo 3

SEXO. PODER. ASSASSINATO. AMÉM

7 890552 108704

OS BÓRGIAS É A SÓRDIDA SAGA DE UMA DAS MAIS FAMOSAS E LENDÁRIAS FAMÍLIAS DA HISTÓRIA. AMBIENTADA NA ITÁLIA DO SÉCULO 15, NO AUGE DA RENASCENÇA, OS BÓRGIAS NARRA A CORROMPIDA ASCENSÃO DO PATRIARCA RODRIGO BÓRGIA (JEREMY IRONS*, VENCEDOR DO OSCAR*) ATÉ SE TORNAR PAPA, QUANDO ELE COMETE TODOS OS PECADOS DA BÍBLIA, PARA AGREGAR E CONSERVAR PODER, INFLUÊNCIA E UMA IMENSA RIQUEZA. NÃO PERCA UM MINUTO DESTA LUXUOSA, SENSUAL E ESCANDALOSO DRAMA, DA MENTE CRIATIVA DO VENCEDOR DO OSCAR* NEIL JORDAN**.

TELÚCA ADRI - 8 NOVEMBRO EM PORTUGAL, 1996
**NEIL JORDAN: O VENCEDOR DO OSCAR, "MAGNUM FOLE" (2005), "LORD OF WAR" (2005)

EXTRAS

- *A VISÃO DO CINEGRAFISTA
- *CONSTRUINDO ROMA MEDIEVAL
- *CRIAÇÃO DOS FIGURINOS
- *BIOGRAFIA DO ELENCO
- *GALERIA DE FOTOS
- *ESCOLHENDO CESAR
- *ERROS DE GRAVAÇÃO
- *CONECTE-SE

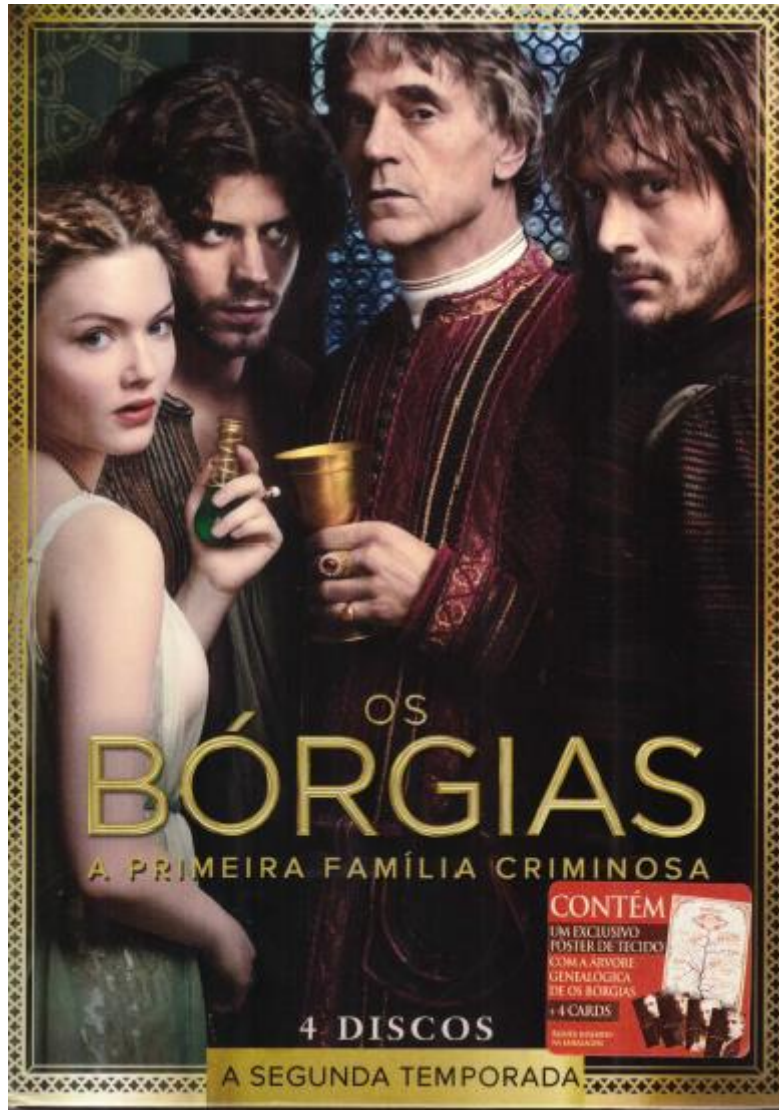
SHOWTIME APRESENTA EM ASSOCIAÇÃO COM TAKE 5 PRODUCTIONS / UFA-TV FILMS / JEREMY IRONS "THE BORGIAS"
FRANKO ARMANDI / HILLARY SEITZ / JOHNNY WHALLEY / TUTTE VERSEK / DAVID THAKES / SEAN PATRICK / SHAWN MCGURNEY / DEEPA JACOB
ALEXANDER / CORALIE / GABRIELLA / PISCOPPO / TONY / JORDAN / HENRY / WILLIAM / MARTIN / LISA / SEBASTIAN / MARY / FRANCIS / SEBASTIAN
JULIA / PAUL / CAROL / JACOB / NEIL / JORDAN / JEREMY IRONS / JEREMY IRONS / JACK / RAYNE / DAVID / THAKES / JOHN / HENRY / SHAWN / MCGURNEY / JAMES / ELLMAN

www.paramount.com 465 min 9 EPISÓDIOS COR DRAMA

LEGENDAS: Inglês, Português, Espanhol. ÁUDIO: Inglês, Espanhol. 5.1 Dolby Digital, 2.0 Dolby Surround.

16 RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS. Temas: Político-social, Crime, Violência, Sexo, Nudismo e Conteúdo Sexual.

Anexo 4



Anexo 5

7 899587 906682

Os Borgias voltam com mais ambição, espionagem e total corrupção, em todos os 10 capítulos desta segunda temporada. O ganhador do Oscar Jeremy Irons está de volta como Rodrigo Borgia, o ambicioso patriarca do clã Borgia, que planejou sua ascensão na sociedade romana, tornando-se o Papa Alexandre VI. Mas com o poder absoluto surgem inimigos ainda mais poderosos, que não se detêm diante de nada para destruí-lo. Enquanto o Papa age para destruir seus inimigos, sua amante Giulia Farnese (Lotte Verbeek) percebe que sua posição na alcova é bem precária; sua filha Lucrecia (Holliday Grainger) seduz novos pretendentes, enquanto cuida de seu bebê ilegítimo; e os irmãos César (François Arnaud) e Juan (David Oakes) levam a rivalidade a um nível maior de deslealdade. Veja de perto cada surpreendente momento desta aclamada série, um drama criminal com régoio pedigree.

EXTRAS † O MUNDO DOS BORGIA † INSTRUMENTOS DE TORTURA
† A ARTE DA ESGRIMA † O VENENO BORGIA

SHOWTIME PRESENTA UMA PRODUÇÃO DA TAKE 5 PRODUCTIONS E OCTAGON FILMS: JEREMY IRONS "THE BORGIA" FRANCISCO JAVIER
HOLLIDAY GRAINGER JAVIER WALLEY LOTTE VERBEEK DAVID OAKES SEAN BARRIS STEVEN BERGKEY JULIAN BLANCH PETER GALLIPAN COLM LEUNG
CARRIELLA PESCHERO THE WOOD BARRIS WENDY HALLAMANTON C.E. USA ENTERTAINMENT TONY CARPENTIER C.E. JONATHAN KONSTIN
PAUL SARGUSY C.E. NEIL JORDAN NEIL JORDAN JACK BAPPE JUSTIN GAUVEY DAVID LELAND JOHN WEBER SHEILA KENNY JAMES HLYMI

www.paramount.com 519 min 10 EPISÓDIOS COR DRAMA

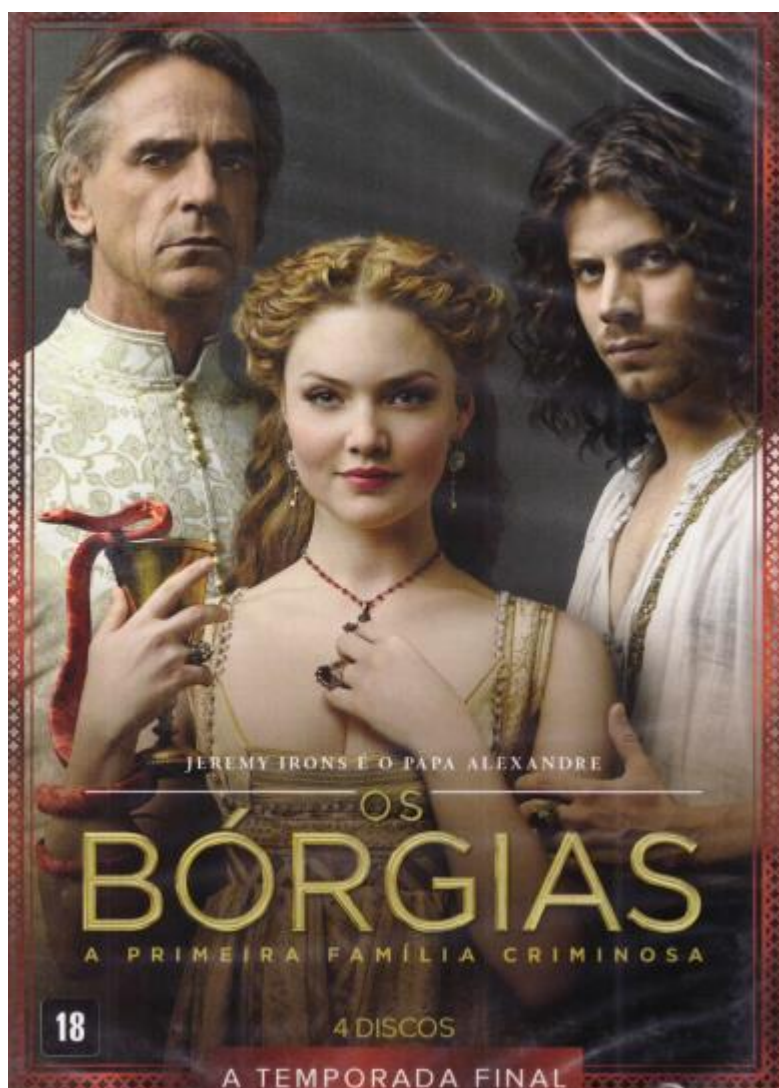
LEGENDAS: ÁUDIO: Inglês Inglês 5.1 Dolby Digital Espanhol Espanhol 2.0 Dolby Surround Espanhol

WTTIME .com

DOLBY DIGITAL DVD VIDEO

18 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS. Conteúdo: Crime de Gênero, Violência e Situações Sexuais Complexas.

Anexo 6



Anexo 7

7 898918 494517

Jeremy Irons, venerável do Ocidente, renuncia como o avó e ardiloso Papa Alexandre em todos os dez episódios da vibrante terceira e última temporada de *Os Borgias*. Cercado de inimigos por todos os lados, Alexandre enfrenta com uma vontade de ferro para eliminar do Vaticano aqueles que são desleais a ele. Mas, enquanto ele luta para estabelecer o papado como uma monarquia hereditária por toda a Itália, seus audaciosos filhos têm seus próprios planos para conquistar poder: César (François Arnaud) é agora um covado guerreiro, Lucrécia (Holliday Grainger) continua na disputa política napolitana, e ambos estão inflamados por um desejo que pode consumi-los completamente. Apertado, suscitado e inesperadamente compulsivo, este é um imperioso capítulo da saga de uma das mais poderosas famílias que o mundo já conheceu.

EXTRAS

- † NOSSA REFERÊNCIA DIÁRIA
- † ASCENSÃO DE CÉSAR
- † FÉTRIS E MA SOMBRA
- † O REINADO DE RODRIGO
- † EXAMINANDO UMA CENA... A TENTATIVA DE ASSASSINATO
- † RASTIHOES
- † CENAS INÉDITAS

CASTING JOHANNES WOLFF, JAMES WOODS, SEAN HARRIS, THOMAS BRIDGMAN, JULIAN BURNES, SIMA MARTE, PETER SOMOVAN, COLMATTOR, CAROLINA PESCHKE, THEODORE MURPHY, WENDY HOLLAND MASTEN, LISA BRONKHORST, TONY VAN TRAM, ANASTASIA, JESSIE PERRETT, DANIEL ARONSON, PAUL SANCOSKY, etc. etc. etc.
TRUQUE ANDREA, SARA, MEL, ZORAN, JACOB, KIM, CAROL, FRANK, JOHN, WEDD, SHEL, HOSAN, JAMES, etc.

www.paramount.com.br 563 MIN 10 EPISÓDIOS **COM DRAMA**

ÁUDIO
 Inglês 5.1 Dolby Digital
 Espanhol 2.0 Dolby Surround

LEGENDAS
 Inglês, Português e Espanhol

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
18 Crimes de Ódio, Crueldade e Situações Sexuais Complexas
 Não recomendado para menores de 18 ANOS